

AMBULARE

Marco Aurelio Maximo Prado



AMBULARE

Marco Aurelio Maximo Prado

1ª edição
2018



PPGCOM • UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Alessandro Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Orestes Diniz Neto

Vice-Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenador: Carlos Magno Camargos Mendonça

Sub-Coordenadora: Geane Alzamora

SELO EDITORIAL PPGCOM

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Bruno Guimarães Martins

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elisabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P896a Prado, Marco Aurelio Maximo.
Ambulare / Marco Aurelio Maximo Prado. –
Belo Horizonte (MG): PPGCOM UFMG, 2018.

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-54944-09-4

1. Comunicação social. 2. Ensaio brasileiro.
I. Título.

CDD B869.4

CRÉDITOS DO E-BOOK © PPGCOM UFMG, 2018.

PROJETO GRÁFICO

Bruno Menezes A. Guimarães

Bruno Guimarães Martins

DIAGRAMAÇÃO

Bruno Menezes A. Guimarães

CAPA

Olívia Binotto

Ana Cláudia Maiolini

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
Prefácio	13
1. Ambulante	17
2. Eu, ambulare!	31
3. Nós, ambulamus	41
4. Despatologizar é desclassificar, não descuidar	53
5. Despatologizar é desconstruir, não desassistir	77
Bibliografia	83

AMBULARE

andar livremente
perambular com desejo
caminhar com autonomia.

É verdade que a caminhada nos ensina a desobedecer. Porque andar nos obriga a ter uma distância que é também uma distância crítica. No mundo acadêmico, todo mundo é obrigado a provar o que diz. Neste livro eu queria explorar sonhos. A provocação que faço aos pensadores, é que você não é o que você pensa, mas como você anda. Eu não queria voltar para as doutrinas, mas sim explorar os estilos.

FREDERIC GROS (CAMINHAR, UMA FILOSOFIA).

Agradecimentos

MUITAS PESSOAS, trajetórias, encontros e amores inspiraram este livro. Não era um livro. Era um caderno de campo de anotações, um diário de afetos e preocupações, interpelações e narrativas. Um diário de uma experiência pontual, intensa, inspiradora e idiossincrática. Um olhar individual para uma experiência coletiva, um olhar público para experiências singulares na recente história do Brasil.

No entanto, foi se tornando um livro, um livro de ficção. Nenhuma das histórias e nomes aqui usados são reais. Embora toda a realidade tenha me inspirado a contar as histórias do meu diário. Meu diário de campo sim é real. Mas ele não é público. Público é o *Ambulare*, um livro sobre despatologização das transexualidades na materialidade de um *ambulatório trans* em uma cidade brasileira do estado de Minas Gerais.

Não seria um livro essa ficção se não fosse uma generosa proposta. Devo à Ângela Cristina Salgueiro Marques o convite feito para que eu visitasse, revistasse e analisasse o meu diário de campo e a partir dele escrevesse sobre essa experiência nos corredores do Sistema Único de Saúde. Ângela Salgueiro Marques tem uma nobreza rara, cada dia mais rara na vida acadêmica. A nobreza de Ângela é que ela tem interesse e gosto nas histórias dos colegas e parceiros acadêmicos, tem escuta. Nos meus encontros esporádicos com Ângela, eu fui virando um contador de histórias. Tampouco seria um livro se Flavia Bonsucesso Teixeira, minha supervisora e coordenadora do Centro de Referência para Atenção Integral em Saúde Transespecífica (CRAIST) na Universidade Federal de Uberlândia – o ambulatório de transexualidades -, não fosse essa amiga que veio através do trabalho. Sempre considero que amizades que se presentificam pelo fazer do trabalho são poucas, cada dia mais raras, mas muito permanentes.

Flávia B. Teixeira foi uma supervisora na medida justa. Soube me acolher e me expor ao ambulatório trans¹ como ninguém. Foi delicada na exposição, estratégica nas explicações, amorosa na recepção e generosa em compartilhar seu conhecimento comigo. Suportou minhas perguntas ingênuas e abriu grandes espaços de trabalho. Agradeço Flávia por ser esta sinergia pulsante de fazer da igualdade uma materialidade, mesmo nas searas mais desiguais da vida. Ambulare tem um tanto da sua presença.

Não teria escrito esse livro também se não fossem todas as pessoas do CRAIST: equipe e usuários e usuárias. Todos e todas que dividiram suas narrativas me inspiraram a criar persona-

1. Usarei o prefixo trans para me referir a transexualidades e travestilidades. Embora algumas vezes eu uso as palavras por inteiro para marcar suas potencialidades políticas no texto e na vida. Mas como recurso da escrita, por vezes, utilizarei trans apenas dado seu tom verbal, como é falado no cotidiano da vida e nos corredores do SUS.

gens da vida cotidiana e a imaginar uma ficção do Craist. Essas histórias são fictícias porque não são as narrativas das pessoas com quem tive contato no CRAIST, mas, inspirado nelas, fui navegando por alguma ficção. Obviamente que isso só pôde existir na minha vida também graças a equipe maravilhosa que o CRAIST, nesses seus dez anos de vida, organizou, em especial destaco a coordenadora executiva, Cristina Crovato, que faz esse Centro de Referência ser o que é todos os dias quando abre suas portas para a população. Cristina é uma dessas pessoas à quem o trabalho proporcionou um acúmulo de conhecimento invejável, além de sua capacidade de fazer “a coisa acontecer”. Igualmente agradeço Júnia Araújo pela sensibilidade com que coloca sua escuta atenta ao mundo.

Agradeço a Universidade Federal de Minas Gerais, a qual me concedeu esse período sabático. Especialmente a minha equipe do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT, o NUH, que me subverte todo o tempo, a cada tempo e por um longo tempo. Meus orientandos e orientandas que me auxiliaram em várias das minhas atividades na UFMG, permitindo-me esse período de estudo, reflexão e encontros.

Agradeço ao Departamento de Psicologia e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais que me liberou de algumas atividades durante esse tempo.

Agradeço, igualmente, ao Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia que foi onde institucionalmente fui acolhido de maneira muito gentil.

Amigos novos em Uberlândia me ajudaram a viver ambulante, foram especiais. Amigos nem tão novos de Belo Horizonte suportaram minha ambulância, cuidando de mim e das minhas coisas durante minha ausência. Foram generosas como sempre. Agradeço à Janice Perez, essa força em pleora pela vida. À Joana

Ziller, essa força delicada pela vida. Ao Rodrigo por não descartar a loucura do cotidiano da vida. À Franciele pela acolhida sempre afetiva.

Minha família é sempre um presente, embora minha mãe, Sonia Máximo, seja o melhor dos presentes. Sua queerização geracional é invejável. Na distância eles e elas se fazem sempre próximos e eu agradeço por isso.

Este livro só se tornou possível porque a coragem de homens e mulheres transexuais e travestis vem arejando o mundo e trazendo novos contornos para todos e todas que desejam aprender uma possível liberdade e a autonomia do corpo, da sexualidade e da vida. Sou grato por esta convivência com amigos e amigas trans e travestis que sempre compartilharam comigo sonhos, realizações, dores, falas e festas.

Anyky Lima, que há anos me aceitou seu aluno da vida. Liliane Anderson, uma inspiração de coragem e aventura. Keila Simpson, um ar fresco na vida política nada leve. Paulo Bevilacqua, arte pura. Paulo Vaz, beleza infinita. Leo Tenório, uma inteligência sedutora.

Paula Sandrine Machado, uma densidade intensa. Maria Juracy Filgueiras Toneli pela coragem em ser. Kátia Maheirie pela alteridade permanente. Flávia Teixeira e Juracy Toneli foram leitoras muito generosas quando da primeira versão de *Ambulare*. Elas encontraram tempo e disposição em suas agendas para ler e discutir minhas ideias ficcionadas e de forma muito delicada me fizeram acreditar que eu tinha escrito um livro que não era chato de ler, o que era a minha proposta desde o começo. Sou grato por ter encontrado tantas colegas generosas e brilhantes no meu caminho acadêmico, sem elas a vida institucional seria apenas o óbvio.

Sem um amor, tudo teria sido árido. Sou grato por um amor ambulante que me arrebatou, em corpo e alma, no tempo recente: à George Prado.

Prefácio

FUI BUSCAR em Carlos Rodrigues Brandão a coragem para enfrentar o desafio de apresentar esse livro. Foi através de seus escritos que me reconheci caipira e, entre outras coisas, aprendi os muitos sentidos para a palavra “dobrada”. “Dobrada pode significar que no andar pela vida, algumas pessoas enfrentam a experiência de se virem convocadas a se repartir entre duas ou mesmo mais de duas “sinas” (2014, p.). São as “sinas”, “destinos” ou “histórias” que se desdobram nos encontros cotidianos do nosso serviço e são aqui recontadas por Marco Aurélio.

A tranquilidade expressa nos sorrisos da equipe que acabava de aprovar a solicitação de Marco Aurélio Máximo Prado para compor nosso serviço durante um estágio de capacitação anunciava que ter coragem não seria um atributo exclusivo dos e das usuários e usuárias do serviço. O livro narra encontros que exigem coragem dos diferentes caminhantes. E o primeiro encontro

foi com a equipe, composta de múltiplas mineiridades, que acolheu um pesquisador não através do mito forjado de uma hospitalidade, mas inspirada na proposta de uma “partilha do saber”, que nos ajudaria a pensar como o nosso cuidado aconteceria.

Não fosse um pesquisador experiente, Marco Aurélio não se sentiria convocado a se fazer ambulare nos corredores do SUS. A centralidade desse constante movimento demonstra a inquietação e a maturidade de quem se entrega para a aventura do trânsito. E aqui nos apresenta um generoso relato sobre o encontro dele com uma equipe que se aventura por um modo de cuidado cotidianamente mediado por normas, protocolos e linhas guias (quase todas escritas em outro idioma, e, portanto, revelando um cuidado pensado para outras formas de caminhar) e que se reinventa toda semana.

Mergulhou com a equipe na rigidez dos protocolos, revisando cada texto acadêmico, imprimindo questões e se reposicionando entre os saberes por vezes duros de outras linguagens. Sua presença convocou movimentos que foram se desenhando e propondo outros modos de caminhar. Essa equipe, que também se tornou ele e dele, se desloca no abraço do inesperado, na incerteza do porvir... Ambulare nos conta de uma equipe que está em constante formação e que segue afinando e desafinado, mas seguindo Guimarães Rosa “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando”.

Marco Aurélio se lançou na ficção porque não se prendeu nas regras dos enquadramentos institucionais, se fez surdo ao encantamento das classificações e deslizou seguro nas fluidas narrativas dos e das usuários e usuárias. Sem se aportar na arrogância do lugar teórico ou mesmo deslizar para a recusa ou banalização da teoria, Marco Aurélio enraizou conceitos e desmaterializou certezas. Encontrou nas miudezas do cuidado as

ferramentas para a despatologização das transexualidades/travestilidades que parecem dar vida à equipe, aos usuários e às usuárias enquanto ambulam entre as paredes e cortinas. E, na precariedade de um espaço físico que não foi construído para ambulantes, convida o leitor para a festa do acolhimento.

Os e as usuários e usuárias ambularam com ele. No livro, as narrativas, ainda que ficcionadas, falam de muitas sinas, vidas numa mesma vida de poucos anos que parecem décadas ou séculos, na falta de correspondência temporal, para dar sentido a uma espera de quatro anos. Marco Aurélio enfrentou sua sina e respondeu com sabedoria à convocação das classificações, se negou lembrando Guimarães Rosa: “Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias...”. Os tempos e os destinos que se dobravam dos desafios e enfrentamentos das vidas relatadas emprestavam potência para os deslocamentos, chegadas e permanências atravessados pela palavra coragem.

Enfim, Marco Aurélio se arriscou ao escolher essa narrativa para contar os efeitos da dobrada que performou ambulare. Mas não seria diferente pois todo o texto é escrito por sinas de vidas marcadas pela coragem de ousar.

UBERLÂNDIA, 16 DE ABRIL DE 2018.

PROFA. DRA. FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA
Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Medicina
Departamento de Saúde Coletiva

CAPÍTULO 1

Ambulante

EM 2017 eu propus, a mim mesmo, a experiência mais densa no âmbito profissional que eu jamais poderia ter imaginado antes. Digo isso, cercado de algum conflituoso sentimento de culpa; uma vez que nós, pesquisadores de instituições públicas, a despeito de tantas mazelas sofridas nos últimos tempos, perseguimos muitas experiências por necessidade, por necessidade de continuar pensando, se revendo e se reconstruindo e isso tem implicado muitos de nós a estar envolvido em atividades sempre bastante densas. Mas realmente o que vivi foi uma proposta de densidade e intensidade um tanto única, de trânsito, de caminhar livremente nos corredores do SUS (Sistema Único de Saúde). Aqui cabe exatamente o caminhar livremente, um ambulare!

Nossas atividades acadêmicas são um verdadeiro turbilhão de pensamentos e fazeres cotidianos e, algumas vezes, conseguimos propor aventuras acadêmicas mais impróprias, como a que eu me ofereci: fui passar um período, ao solicitar um afas-

tamento para capacitação de um curto tempo sabático, dentro do Ambulatório Amélio Marques do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, onde está situado o ambulatório de transexualidades, o Craist (Centro de Referência em Atenção Integral para Saúde Transespecífica).

Essa proposição mudou a minha trajetória! Não que a vida da gente não mude todos os dias, mas permanecer pelo período de três meses dentro do Craist alterou meu pensamento e tocou meus sentimentos de tal forma que abriu pequenas fendas na musculatura as vezes rígida do fazer acadêmico, permitindo-me encontrar com tantas histórias, com tanta vida, com tanta luta para sobreviver que eu diria que foi a capacitação de maior intensidade que já passei nesses quase 30 anos de profissão.

Vindo do campo acadêmico de estudos de política, gênero/sexualidades na Psicologia, especialmente sobre as experiências e identidades transexuais e travestis nos últimos anos, pisar no chão frio e nas paredes mal pintadas do Craist no SUS, me trouxe sangue, calor e carne onde antes só haviam esqueletos, vozes e demandas.

Eu nunca fui, no sentido stricto sensu do termo, psicólogo. Cursei psicologia nos idos dos anos de 1980, mas da mesma forma que entrei na Universidade para cursar graduação, fiquei, permaneci e nunca mais sai dela. Mas dessa vez foi diferente, estive perambulando pelos corredores do SUS.

Embora isso não signifique muito aos títulos acadêmicos, à burocracia das instituições federais e aos departamentos que vivem quilômetros de distância da vida real, a eles eu aprecio por terem chancelado, mesmo sem saber concretamente, a mim mesmo uma aventura através dos corredores e das salas mal ajambradas do SUS.

Já com sacolas de documentos curriculares que acumulam alguns títulos acadêmicos, resolvi que respirar através das pa-

redes do Craist, situado no Ambulatório Amélio Marques do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), seria uma aventura acadêmica, profissional e política ímpar. Mas para minha sorte, e dadas as contingências da história, foi muito mais do que isso.

A capacitação virou uma aventura de contar histórias do que vivi, de pessoas que conheci, de histórias singulares que argamassadas pela história social - em um tempo e espaço próprio - se revelam todos os dias naqueles corredores.

Cheguei ao Craist na primeira semana de agosto de 2017 e permaneci lá, semanalmente, até a primeira de novembro do mesmo ano. Atualmente vou para lá com alguma frequência - mais esporádica - mas sigo respirando aqueles cheiros, dos corredores mal pintados do SUS.

Eu já tinha estado lá um ano atrás para um dia de visita rápida, em um evento organizado pela professora Flavia B. Teixeira, em 2016. Mas foi um dia de ligeira passagem, ou seja, não era um dia cotidiano de miudezas do Craist, embora muitas marcas desse evento eu cuida para que não se apaguem do meu corpo e do meu coração.

No entanto, por vários motivos que a vida nos leva a ter, eu escolhi passar três meses trabalhando dentro do Craist como um pesquisador das experiências trans e travestis, professor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e interessado nas transexualidades e travestilidades e em suas diversidades infinitas. Assim, escolhi ficar entre os corredores de um conjunto de ações repleto de vida, que se reinventam a cada dia na insalubridade do cotidiano brasileiro.

Mas, além e por causa de motivos pessoais, escolhi também esse ambulatório, o Craist porque é um dos ambulatórios trans no Brasil, senão um dos únicos, que tem, há dez anos, como prática cotidiana a despatologização das transexualidades e tra-

vestilidades nas materialidades dos atos, nas miudezas dos movimentos cotidianos.

Ou seja, é um lugar repleto de paradoxos, pois ali se coloca a tarefa de despatologizar as experiências trans e travestis dentro de um hospital, particularmente um Ambulatório Central do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia.

Impor a tarefa de despatologizar experiências da vida que estão sendo patologizadas há séculos é uma tarefa bastante árdua, mas ter esse norte no contexto de um hospital onde tudo é diagnosticado, classificado, descrito e tratado, já se torna uma tarefa muito mais complexa, repleta de desafios novos, circunscrita em uma luta cotidiana contra nós mesmos, digo nós, os profissionais que sobrevivem em suas inteligibilidades pelos diagnósticos e códigos, pelos processos classificatórios e terapêuticos.

Pensar a despatologização das transexualidades/travestilidades é fundamental, mas praticá-la é sem dúvida essencial. Portanto, materializá-la em um hospital, ao mesmo tempo em que não se abre mão de exercer o cuidado à saúde, é um ato de muita coragem. Em um hospital, um Ambulatório, o cuidado está totalmente aliado a lógicas diagnósticas e classificatórias, portanto abrir uma fenda neste nó histórico é um ato político implicado por várias ações, pessoas, relações e práticas inventadas.

Assim, posso dizer que a vida do Craist é um paradoxo permanente, despatologizar experiências da vida e garantir um acesso à saúde justo no SUS. Um enorme desafio! Não diagnosticar não é descuidar!

Imaginem vocês, isso tudo nos corredores do SUS, transbordando inovações nos atos mais simples do cotidiano de um serviço de saúde pública. Digo atos simples não porque sejam fáceis ou simplistas, mas porque são repetitivos de todos os dias e acontecem nos corredores do SUS, na entrada do Ambulatório e nas paredes multiusos e mal pintadas do Craist. São atos de

miudezas que possuem efeitos de grandeza, são conjuntos de reflexões em ato, são filosofia na ação biomédica, assim, o Craist é este paradoxo, uma reinvenção cotidiana, um andar livre entre as amarras da burocracia médica, da classificação diagnóstica e da ordem do pensamento psicológico.

Paradoxo é aquela experiência sem acordo! Não há consenso, não há solução, mas paradoxos geram ações temporárias de invenção. Paradoxos convivem com os conflitos, os preservam para levar a sério a invenção que eles nos provocam. Assim é a vida no Craist. Vida esta que fica invisível aos rápidos olhares, do senso perceptivo burocrático, médico ou patologizador. Uma vida que se revela no miúdo, no detalhe, no que foi chamado pela ordem do trivial do dia-a-dia.

“Ufa!”, me disse Thory - um usuário que entrava pela primeira vez no Craist aquele dia, mas ensaiara quase um ano para lá estar. Mal sabia ele, o primeiro dia dele era o primeiro dia que eu estaria ambulare. “Ufa!” - exclamou Thory, assim que sentou na sala com sua mãe brava ao lado. Eu olhei para ele firmemente e disse - “que bom que você está aqui”. Thory sorriu e falou, evidenciando um leve sorriso no canto do rosto - “você não sabe quanto eu ensaiei para vir aqui, o quanto que eu queria mas não podia, e estou muito feliz de sentar aqui na sua frente e estar aqui, aqui no Ambulatório!” Não perguntei quem era ao seu lado até aquele instante, mas logo vi que teríamos grandes tensões naquele encontro, pois aquela mulher me olhava brava e com receio enquanto seu filho se apresentava com um certo alívio e sorridente. Mãe e filho eram um contraste aos meus olhos que saltava das cadeiras a minha frente. As pessoas sempre levam nos encontros no Craist outras pessoas. Um excelente estudo seria entender como e porquê usuários e usuárias escolhem determinadas pessoas para serem acompanhantes. Nesse caso, Thory escolheu levar sua mãe, com quem ele tinha brigado e não conversava já há um ano.

Eu cheguei assim na cidade de Uberlândia, com algumas malas, meu inseparável computador portátil e minha vontade de rever vários aspectos da minha própria formação e da minha vida. Eu nunca tinha estado em um serviço profissional, embora eu tenha passado boa parte da vida estudando Psicologia, gênero e sexualidades, jamais trabalhei como psicólogo em um serviço.

Paulatinamente, tornei-me professor e pesquisador desde sempre. Logo na graduação em Psicologia, no primeiro ano, já participava de laboratórios e núcleos de pesquisa e assim foi por destino familiar ou por desejo e oportunidades, ou talvez por tudo isso junto que cumpri o que o resto da minha família estava fazendo, fui parar na Universidade aos 17 anos e nunca mais saí dela. Boa parte dos meus familiares próximos assim o fizeram, temos uma vida em comum entre laboratórios, universidades, aeroportos, aulas, plataforma lattes e agências de pesquisa.

Então, poder-se-ia imaginar que eu pouco entendo do que é ser psicólogo ou psicóloga na prática dos serviços. Mais ou menos, eu sei algumas coisas que produzem profissionais engajados com o seu trabalho, mas ser essas boas coisas na espontaneidade do cotidiano de um serviço, nas condições históricas dadas e frente a demandas e pessoas da maior diversidade já vista, isso eu não sabia fazer, mas fui aprendendo rapidamente como chegar e ser no SUS para além dos fluxogramas oficiais e tarefas burocráticas.

Cheguei um tanto como espectador, observador daquele espaço. O Craist abre suas cortinas a pleno vapor às sextas-feiras para o público de usuários e usuárias, embora tenha nos outros dias muitos afazeres. Mas é na sexta-feira que abrem-se as portas e cortinas com força total. É quando nos corredores do SUS se fazem presentes mulheres e homens transexuais, travestis e pessoas que estão vivendo algumas questões de gênero/sexualidades e gostariam de falar sobre elas, cuidar de ser, assumir

desejos e etc. É também nas sextas-feiras que as agendas pululam, pois todas as sextas-feiras novos e novas usuárias chegam no serviço de saúde do Craist. Assim, iniciei em uma sexta-feira de agosto, fazendo o caminho que um usuário e usuária percorrem. Aprendendo como se chega quando não se conhece.

Fui até a secretaria e me apresentei. Imediatamente a secretária me perguntou “você já pegou a senha?” Entendi logo que tinha uma lógica ali e que eu deveria começar pelo começo. “Senha, por favor!”

Embora eu já tenha feito muita pesquisa de campo, eu não estava lá para pesquisar, estava em licença capacitação, ou seja, estava lá para aprender como se faz na prática os serviços! Assim cheguei como mais um que não sabe fazer mas querendo muito aprender. Iniciei como quem chega perdido em uma cidade nova, sem saber para onde olhar quando tudo chama a sua atenção, sem saber como conversar quando se quer falar o tempo todo e ao mesmo tempo.

Chegando assim, fui entrando pela porta do Craist, sem imaginar que essa experiência me levaria a rever e repensar toda a vida não-trans, a me checar a cada respiro nos corredores desorganizados do SUS e a escutar as diversidades das experiências de gênero e sexualidades que não cabem em um mesmo nome: transexualidades! Esse nome tornou-se insuficiente para narrar tanta história das experiências diversas no Craist.

Mas não retornei para a senha, conforme a secretária me instruiu. Fui lá fora, no pátio-estacionamento, pensei o que fazer e voltei para a sala de espera mesmo sem senha.

A entrada do Ambulatório Amélio Marques é grande. É um prédio anexo ao Hospital das Clínicas e o Laboratório de Análises Clínicas. Entre o Hospital, o Laboratório e o Ambulatório tem um estacionamento quase um pátio para carros e pessoas. É um estacionamento, pátio, espaço de espera, de vendas e

ambulantes. Onde se vende de tudo um pouco. Há ambulantes espalhados trabalhando por todos os lados com pequenas malas e sacolas, e com algumas caixas de papelão.

Lá, entre ambulantes e ambulatórios, se pode conseguir meias para o pés de todos os tipos e cores, canetas das mais variadas, envelopes de todos tamanhos, café na garrafa térmica quentinho e doce, pães de queijo, pomadas em pequenas latinhas prateadas que prometem tirar qualquer dor, vidrinhos com águas benzidas para o bem-estar e outras miudezas da vida. Mercadorias de todos os tipos erguidas em caixas de papelão que imitam estantes e mesinhas fazem do pátio-estacionamento do Craist, uma visão geral do Brasil.

Logo na porta de entrada, um funcionário sentado a uma mesa à sua esquerda oferece uma senha. As funcionárias e funcionários, cotidianamente estão de uniforme azul. Ao pegar a senha é só aguardar seu número no chamado luminoso para se dirigir a uma das janelas da secretaria para abrir seu seguimento inicial ou encaminhar sua consulta já marcada ou não. Atende-se, ao menos no Craist, por demandas marcadas ou espontâneas.

A maior parte das chegadas são espontâneas, mas marcadas pela vida. Uma usuária tem horário marcado porque já está sendo acompanhada no Craist, ela no dia de sua consulta leva mais duas usuárias novas com ela. Assim se dá boa parte da espontaneidade das demandas no Craist. Eu recebi a Déborah, usuária nova, eu perguntei: “você marcou hoje, demorou muito, foi difícil conseguir horário”? Com um sorriso leve Deborah me atualizou: “não foi difícil não, decidi hoje mesmo, aliás decidi agora. Eu vim com a Catarina, que já frequenta aqui, vim mesmo só para acompanhar, eu não saio de casa, daí fiquei na sala de espera pensando, já que eu estou aqui e não tive coragem de vir antes, vou pedir que me recebam como usuária. Foi assim, agora estou aqui, estou com medo porque meu pai não sabe”.

Desde a entrada na secretaria o uso do nome social é uma regra institucional. Fui descobrindo que usar o nome social não é tão simples assim. Lógico, para o Craist era, mas para usuários e usuárias nem sempre. Lembro até hoje da Janete. Janete era uma dessas mulheres trans jovens lindas. Janete era modelo. Vinha acompanhada da mãe. Com o tempo a gente aprende a fazer a leitura de algumas cenas nos nossos corredores. Quando tem uma usuária trans ou um usuário trans com uma pessoa mais velha ao lado chorando, tenha certeza esta é a mãe ou algum familiar. Vinha Janete e D. Maria Lúcia, uma sorrindo, outra suplicando. A coordenadora me entrega a abertura do seguimento, vejo o nome Carlos Eduardo. O que você pensa: é um homem trans. Era Janete. Daí no meio da conversa, eu disse – “Janete, por que você não deu na secretaria seu nome social?”. Ela mais que rápido: “Dar eu dei, minha carteirinha do SUS já é com meu nome social, mas minha mãe foi lá e alterou, disse que era mentira, que meu nome era esse. E eu topei e concordei porque eu sei que para ela ainda as coisas estão difíceis, mas ela vai de salto em salto aprendendo”.

Muitos usuários e usuárias do Craist aparecem através de outras usuárias e usuários. Assim, nem são demandas espontâneas nem marcadas. Há uma rede submersa que vai se mostrando pouco a pouco. São demandas que estão sendo gestadas por tempos, meses, anos até; e um dia, com um amigo, um conhecido, uma amiga que lá já está, aquela pessoa se encontra em condição de ir e permanecer no Craist. Assim chegam algumas pessoas no Craist, outras vem através de transporte do SUS intermunicipal ou interestadual. E ainda alguns vem por outras urgências. Há na chegada um aspecto bastante singular e importante para iniciar o pensamento sobre as demandas que ali serão apresentadas por cuidado à saúde, informação ou acolhimento. A chegada é um ato muito complexo no processo de pertencer ao Craist.

Fui até o pátio-estacionamento, pensei, “não vou pegar senha porque não sou usuário. Vou mandar mensagem para coordenadora e dizer que cheguei, quem sabe ela já está lá dentro e me salva deste mundo aqui fora. A entrada do ambulatório geral é um fervilhar de gente, macas, cadeiras de rodas, presidiários chegando, senhoras saindo, médicos encapuçados caminhando com aquele ar de “acabei de sair de uma cirurgia”. Mandeí mensagem, em seguida resposta: “vou me atrasar um pouco”. Diante desse intervalo, resolvi entrar e ir até a sala de espera mais próxima do Craist. Lá sentei entre muitas pessoas.

A sala de espera próxima do Craist é grande e como sempre em vários lugares públicos brasileiros só tem uma tomada que todo mundo disputa a tapa e com alguma solidariedade para carregar o celular. Lá estão as pessoas que são usuárias de vários ambulatórios. Ambulatório da terceira idade, da infância, de doenças tropicais, dermatologia e etc. Todos juntos na sala de espera e também usuários e usuárias do Craist. Afinal, lembre-se que entre essas salas, paredes e corredores há vários ambulatórios, e sextas-feiras alguns funcionam. Vivo está o Craist esse dia. Sento na sala de espera e começo a observar e a rascunhar minhas primeiras anotações do que viria a ser com o tempo o meu diário, as minhas experiências.

Imediatamente meu olhar na sala de espera persegue - “quem será trans ou não aqui”, Tenho que identificar. Começo a olhar um a um naquelas cadeiras de espera. Na sala de espera tem uma televisão, que parece amortecer todos os sentidos, sons, respirações. Sempre ligada na mesma rede de TV. Uma mania nacional que vai da sala de visita da casa de alguém até a sala de espera no SUS.

Então, cheguei no Craist e iniciei com meu olhar a observar todos os pequenos trejeitos de todas as pessoas ali presentes. Tudo estava sob o julgo do meu olhar como se fora aquelas

máquinas de escanear corpos onde tudo, absolutamente todo movimento, me interessava. Mas me interessava para que?

Realmente para nada! Talvez para me trazer um certo conforto na sala de espera em que eu me via um pouco sem graça e tímido. Aquele conforto, ah, sim, eu estou aqui e você também está aqui. Mas ninguém se conhecia, a não ser algumas pessoas jovens que conversavam entre elas.

As experiências trans são daquele tipo de experiências que interessam a todos. Não sei exatamente o porquê, todos, inclusive pessoas que não tem nenhuma relação com esse universo se interessam. É só falar: “eu estou trabalhando no ambulatório trans aqui em Uberlândia”. Pronto! Este seria o assunto do jantar aquela noite com amigos e conhecidos. Escutei as coisas mais raras que a vida já me presenteou. Todo mundo tem uma teoria sobre transexualidade para dividir com você e chamar de sua.

Esse interesse, me parece que muito aliado a uma curiosidade sobre nós mesmos, nós homens e mulheres não trans. Nós homens e mulheres cisgêneros. Assim, escanear o outro passa a ser uma forma de garantia de alguma certeza “ah tá é homem, ah tá é mulher, mas espera aí, é homem que virou mulher, não? Ah, tá mulher que virou homem? Sim, não. Ai ai estou perdido já, que confusão!” – me perguntara um colega em um desses jantares.

São essas as falas mais correntes que se faziam presentes no interesse geral. Era para saber afinal era homem e não é mais, era mulher e não é mais, o que é. E óbvio que esta expressão “era homem e não é mais, era mulher e não é mais?” significaria “tem pênis ou não, tem vagina ou não”, tamanha a força da fixação histórica das posições de gênero no corpo, nos genitais. A fúria classificatória de gênero é parte do modo de pensarmos sobre nós mesmos! O desejo de encontrar um terreno para fixar o gênero é sempre uma corrida desenfreada.

Minha percepção nesses jantares e conversas, quando eu contava o que estava fazendo em Uberlândia, era de que todos

nós buscamos um território de fixação e estabilização do gênero. Seja na história, na infância, nas (des)estruturas familiares, na psicologia da vida cotidiana, na biologia essencialista, nos códigos genéticos especulados, ou seja, gênero interpela todas as potenciais e temporárias fixações, desestabilizando em muito nossa compreensão de nós mesmos. Essa busca desenfreada pelas fixações busca dar materialidade para algo da ordem da construção polissêmica, materializada e multiplamente combinada entre elementos díspares. A questão que se coloca aqui é que esta ordem de pensamento normativo e fixada busca na noção de desvio, de patologia, de algo que não é coerente nas inteligibilidades dominantes, de relações que não fizeram bem para explicar os múltiplos processos identificatórios que se materializam aleatoriamente e não em alguma ordenação de coerência ou incoerência.

Nesse primeiro dia, permaneci na sala de espera até encontrar alguém da equipe do Craist para me salvar daquele escaneamento generalizado em que me envolvi! Na verdade, permaneci ali vendo o Craist iniciar seu funcionamento. Via pessoas da equipe indo até a sala de espera conversar com usuárias, usuários sendo chamados e assim por diante. Comecei a ver uma movimentação, quando resolvi adentrar às portas, corredores, salas e cortinas do Craist. Nesse momento fui tomado pelo famoso “frio na barriga”, sentia subir pela espinha dorsal até o pescoço um arrepiar. Eu estava muito excitado com aquela entrada.

Minha chegada no Craist foi como um pesquisador da UFMG, mas aos poucos fui assumindo a vida do Craist como parte do meu olhar, das minhas escutas e da minha prática. Fui eu sendo um pouco ambulatório, ou seja, um lugar de cuidado, de socorro, de inquietudes e de paradoxos de mim mesmo. Eu, ambulare!

Um trânsito entre vários “eus”! Fui, ao ambulare, virando ambulatório: pernas que viram paredes, braços que viram salas,

cabeça que vira equipe, pensamentos que viram do avesso. Fui assumindo que a materialidade das ações era a minha grande questão. Que se eu queria pensar a despatologização, o fim do pensamento diagnóstico, a não classificação e suas consequências, eu deveria fazer isso na materialidade do cuidado e não no discurso dos bem-aventurados. E dessa forma, paulatina e vagarosa, fui me transformando em ambulare, esse andar livre e desorganizador. Me revirei do avesso, abrindo os meus corredores como aquela enorme passarela por onde caminham vidas dissidentes o tempo todo.

Se existe algo que nos faça mais acadêmicos é exatamente quando podemos pensar contra nossos próprios pensamentos. Eu, ambulare, me permitiu esse pensar contra meus próprios pensamentos. Eu, ambulare, me trouxe cotidianamente o contrário de mim mesmo. Eu, ambulare, aqui assume esse meu outro eu, uma parte desse que vos escreve e que pensa contra si, contra suas formas de pensar, na oposição das estrutura do seu próprio pensamento. Por isso, eu posso dizer que hoje eu sou esse ambulare em muitos sentidos do meu fazer.

Mas ambulare é também uma síntese de várias histórias, narrativas, vidas ficcionadas que me permitiram, por momentos, às vezes raros, outros mais demorados, alguns constantes, outros esporádicos, conhecer da alegria e da dor das transexualidades, histórias que ficcionadas na minha memória, hoje constituem o que eu aqui chamo de AMBULARE. Esse trânsito intenso que só a liberdade de transexuais e travestis poderia me ensinar. Essa liberdade que escapa de qualquer contrato social hegemônico.

CAPÍTULO 2

Eu, ambulare!

ESSE LIVRO é sobre narrativas ficcionalizadas que foram aos poucos me ajudando a pensar contra meu próprio pensamento. Era às vezes dolorido, parecia uma guerra quando se luta contra suas próprias forças, mas outras vezes parecia um alívio poder ver que o pensamento é alteração, aliteração. Não que pensar sobre a despatologização fosse algo novo para mim, mas pensar sobre o meu pensamento, sobre como um olhar mira um corpo, sobre como uma palavra fala sobre sexo mas não o descreve com sentido para o outro. Isso sim, era um movimento novo!

Assim tornei-me um pouco do Craist. Não na sua existência explícita, mas nas vozes silenciosas bordadas delicadamente a cada encontro de acolhimento, a cada olhar na sala de espera, a cada dúvida apontada, a cada mãe desesperada. Meu cotidiano agora chamava-se Craist. Dentro e fora do ambulatório, meu pensamento era esse. Das conversas com amigos e conhecidos,

com usuários e usuárias, com equipe e estudantes passando pelos contextos mais variados até no diálogo com a justiça em audiências, as conversas eram sempre “o Craist”.

Esse livro é uma narrativa sobre despatologização das transexualidades e das travestilidades sem teoria, sobre como não fornecer nenhum oxigênio, nenhum alimento, nenhuma concessão à fúria da classificação, do diagnóstico, da terapêutica e da patologização sobre as vidas trans e travestis. Esse livro é um tratado não-teórico sobre despatologização em ato, na materialidade da ação, nas miudezas do cuidado à saúde.

Esse livro – *ambulare* -, é sobre as minhas experiências traduzidas em ficção (ou produzidas em seus moldes) entre os corredores do SUS, sobre como miudezas dos atos podem criar uma rotina despatologizadora das transexualidades. Esse livro é o meu depoimento pessoal sobre como fui aos poucos virando um *ambulare*, um lugar de passagem, um caminhar livre, de ir e vir, de autonomia do cuidado, de trânsito entre aquilo que se imagina que é e o que pode vir a ser.

Não que eu tenha deixado de trabalhar com as referências teóricas e políticas, com os marcos internacionais e as lutas dos movimentos sociais pela despatologização. Acredito, os endosso, sou parte deles e os admiro.

Mas meu interesse, a cada dia desses meses percorridos no chão do SUS, era como despatologizar o olhar, a escuta, o pensar, ao perguntar, ao responder, ao escrever em um prontuário, de forma que nenhuma classificação seja suficiente para as experiências de vida trans e travestis. Como despatologizar o seu próprio pensamento?

A palavra despatologização é um pouco imprecisa. Ela parece dizer muita coisa mas com pouca definição. Aqui, neste livro, uso o termo em um sentido mais próprio. Despatologizar aqui é desclassificar e desconstruir pensamentos, atos, olhares,

escutas e sentimentos. Portanto, é o processo através do qual a desclassificação, que barra o diagnóstico das expressões de gênero, permite a desconstrução das inteligibilidades que sustentam salas vazias e ineficazes em que cabem os pensamentos diagnósticos. Assim, despatologizar aqui não significa abandonar o cuidado, a assistência, o diagnóstico quando necessário e a sua terapêutica. Mas tem o sentido de desclassificar e desconstruir qualquer fixação associada a uma suposta patologia de gênero. Motivo pelo qual despatologizar não é impedir o acesso à biotecnologia, ao cuidado psicológico e psiquiátrico, ao cuidado à saúde, mas sim reposicionar completamente a noção de cuidado. Deslocar a prática do cuidado vertical do conhecimento para com o e a usuária para uma prática colaborativa de responsabilidades e reflexão ética.

Além disso, despatologizar significa pensar nos seus atos e não nas suas ideias teóricas abstratas, mas sim em como o diagnóstico assume materialidade e produz violência e abjeção. Despatologizar em ato não se faz só. O ato aqui é um conjunto complexo de ações, relações, contextos e conhecimentos. São atos recíprocos, renitentes, reiterados um tanto que engendrados em uma série de convenções sociais históricas, se deslizam, se permitem, se abrem para viver em *ambulare*. Eu sempre imaginei que para produzir uma qualidade de atos dessa ordem precisava conhecer muito e bastante a ordem patologizadora pois a desconstrução pela ação exige um ponto de partida nesta trama.

Após esse tempo de *ambulare* eu entendi que agir de forma despatologizadora implica em começar a puxar um fio da trama patologizadora. Por exemplo, olhamos para os corpos trans a partir de uma visão patologizadora, buscando neles coerência do sistema sexo-gênero. Os miramos buscando sempre a ideia de que se é mulher esse corpo tem que ser feminino, se é homem tem que ser masculino. Daí quando nos deparamos com

um corpo que não corresponde totalmente a ordem classificatória de gênero, exclamamos a “incoerência” mas quando nos deparamos com um corpo trans que corresponde totalmente a ordem binária então exclamamos o “inacreditável”. Ou seja, aos olhos patologizadores os corpos trans estão sempre em terrenos de abjeção seja pela sua suposta coerência absoluta ou incoerência à norma social dos gêneros. Estão, esses corpos estão sempre em dívida com uma suposta verdade do gênero, mesmo que não exista nada verdadeiro e absoluto no que diz respeito às posições de gênero e sexualidades.

Portanto, iniciar a ação pela despatologização na materialidade do cuidado implica em transformar o olhar a partir desse ponto, desse ponto inicial que pode ser qualquer um, pode ser um olhar, um pensamento, uma pergunta. Ou seja, materializar a despatologização implica em desconstrução de séculos de produção em série de ações que só enxergam no outro desvios, incoerências, suspeitas e anormalidades.

Ambulare é uma viagem densa e efervescente de como despatologizar o nosso próprio pensamento em ação! Aos poucos fui me tornando ambulare e passando a ser uma mescla de coisas, situações, desejos, aspirações, dores, angústias, medos, esperanças, decisões, dúvidas, um trânsito entre pensamentos e atos. Passei a ser um um ambulare encarnado em um corpo que se deslocava e transfigurava em relações, pensamentos e ações. Pela primeira vez eu era totalmente despossuído de mim mesmo, eu era todo um ambulare, um ambulante em um corpo só e às vezes eu era mil corpos em um ambulatório apenas.

Comecei a perceber que desde lá do meu canto ambulatorial onde eu permanecia vivo às sextas-feiras, entre aquelas salinhas pequenas e abertas no vão de cima onde não se fecham as paredes, entre a conhecida sala da rainha - a única fechada com ar condicionado - o corredor que me atravessava com as salinhas

sem teto de um lado, fechadas com cortinas e pias e balcões do outro lado, eu ia me transformando em um ambulatório.

Mas eu era desse jeito, salinhas, sala da rainha, corredor, pias, balcões e uma ou outra sala extra todos os dias, mas só na sexta-feira me sentia vivo, como se nesse dia meu corpo adormecido nos outros, voltasse a se mexer, como se essas paredes, aquelas salinhas fossem todas pessoas que agora, toda sexta-feira, se articulassem, se mexessem, caminhavam, andavam, mudavam de lugar. Era sexta-feira, toda sexta de vida, eu acolhia, eu recebia, eu andava, eu observava, eu escutava, eu examinava, eu escrevia, eu, esse ambulatório, respirava vida.

Assim, fui aos poucos me convencendo de que embora eu existisse ali, naquele canto do prédio do Ambulatório Amélio Marques, eu só tinha vida mesmo na sexta-feira. Eu começava a me mexer, a sair do sono profundo da semana na quarta-feira e pronto, na sexta, eu estava vivo de novo.

Eu, ambulare fazia muitas outras coisas durante a semana, inclusive me desfazia de ambulatório para outras coisas, mas era nas sextas-feiras que de fato me sentia despossuído de mim: era o dia que os usuários e usuárias chegavam! Durante a semana o ambulatório trans exerce uma série de atividades fundamentais para que o exercício das práticas despatologizadoras possam se materializar. Ele se relaciona com a rede de políticas sociais, seguindo assim a trajetória e o rumo de seus usuários. Cada usuário ou usuária imprime um nó nessa rede de políticas sociais bastante individualizado. E é assim que o Craist dispara sua relação com outros setores do próprio Hospital das Clínicas ou do Ambulatório Amélio Marques e mesmo com a rede de apoio de políticas sociais como a rede de educação por exemplo. Além disso, o Craist, ao se inserir na rede local e estadual, as vezes nacional, aciona lugares e instituições para garantir o cuidado despatologizador.

Toda sexta-feira é, portanto, uma surpresa pois se alguns usuários e algumas usuárias marcam hora, por whatsapp ou por e-mail, a maioria chega chegando. Desce ali e chega dizendo “quero conversar com esse ambulatório aí”.

Às sextas-feiras eu estava pronto para esticar braços e pernas que viravam corredores, encher as paredes de ar, colocar a cabeça e o coração a pensar para então participar da vida de tanta gente. Gente que tinha decidido frequentar o ambulatório naquele mesmo dia ou gente que estava há mais de ano esperando para entrar. Enfim gente que ambulare, que perambulavam por lá, que tinham decidido fazer parte daquela aposta de despatologização, mesmo que isso não fosse consciente para a maioria das vidas que ali habitavam.

Como a Roberta Close de Ininté. Roberta, que também atendia pelo nome de Sandra, estava ali na sala de espera naquela sexta-feira à tarde. Roberta ou Sandra, tanto faz, tinha vindo de outro canto de transporte do SUS, tudo marcado. Sandra me diz - “esperei 4 anos para vir aqui”.

Imediatamente retruquei, “mas Sandra”(ela disse sublinhando com a voz doce porém firme e posicionada em cada sílaba - “pa-ra vo-cê sou Ro-ber-ta Clo-se de Ininté” – entendi que para mim, ambulare, ela se apresentava como ela era, a Roberta Close e não Sandra). Enquanto eu tentava perguntar o porquê de tanto tempo, tanta demora, eu teria, como um ambulare que sou, que correr para outras salas, assinar documentos, ir até a sala de espera - tinha um ar ali de sala de esperança - atender, sorrir, chorar, brigar.

Mas consegui retomar e retruquei – “mas Roberta por que tanta demora?” Roberta, que estava suando, eu vi um suor escuro escorrer de maquiagem do canto do olho dela, aquela gota preta que desceu próxima aos lábios de batom vermelho forte, quando gentilmente ela, com um guardanapo, enxugou e me disse: “eu não tive coragem antes, minha vida foi difícil”.

Assim, eu me sentia um pouco estranho sendo um ambulare que estava ali pronto para despertar, com tanta energia, daquele sono profundo às sextas-feiras e de repente alguém não tinha coragem de vir até onde eu era. Dai fui entendendo, com Roberta e outras pessoas, que ir ao ambulatório era um evento, um evento de miscelâneas de sentimentos, de coragem, de vontade, de expressão de alguma dor, de desassossego, de desejo de ser e de alguma verdade. Ir ao ambulatório era muitas vezes oposto ao radical ambulare, pouco livre, era um ato quase como sair do armário para si mesmo. Era um passo que abandona um passado cheio de prisões, era uma passagem sem porto de chegada ou partida. Ambulare é um ato recheado de desejos mas que não se dá livre, e ainda assim vai se tornando menos prisioneiro. Leandro, um usuário recente, me disse outro dia: “O meu desejo é ser homem, tirar essas mamas, tirar tudo e ser reconhecido como homem mas por enquanto não dá, fazer isso seria magoar muito meu pai.” Enquanto Leandro falava sobre seu desejo, segurava nas mamas com força como quem pudesse arrancá-las num sonho ou num piscar de olhos. É nesse sentido que ambulare é um lugar de chegada, mas de partida ao mesmo tempo. É de liberdade porque é um caminhar pelo desejo, mas é também de prisão muitas vezes às convenções sociais. Enfim, ambulare é esse porto de aterrissagem de muitas histórias.

“Eu não tinha coragem”, me disse Roberta Close. “Eu não tinha coragem, porque eu não sabia se iria ser bem tratada, se iam me aceitar e se eu realmente queria. Mas eu sei que eu quero hoje ficar aqui, quero fazer cirurgia, porque esse ‘bilau’ aqui não é meu!” - Roberta era uma dessas mulheres lindas, alta, robusta, corpulenta, bem maquiada, vestida com sensualidade, chamava atenção com salto alto, ombros largos, peitos evidentes. Roberta era como se dizia um Close certo!

Não é fácil ser um ambulare nessa vida. Somos um tanto feios, nada cômodos. Nossas paredes são sujas, mal pintadas,

nossas salas mal arrumadas. E ser ambulatório quando não se tem espaço físico garantido é pior porque para ser ambulare, tínhamos que brigar pelos espaços cotidianamente.

Eu era tudo isso como ambulare: equipe, paredes, sala e salinhas, usuários e usuárias, secretaria e apoios. Eu era um corredor de liberdades sendo construídas a cada dia. Eu era também reuniões, eu era um grupo de pessoas trans nas quartas-feiras. Assim, nas quartas eu já ia começando a me despertar para as sextas-feiras. Eu, ambulare, é tanta coisa que acho não conseguirei te convencer de tanta gente e tanta luta que eu era ao mesmo tempo, mas para você ficar bem convencido ou convencida, eu era mesmo um ambulante, apenas. Perambulava pelas mil narrativas e ficções que fui imaginando do Craist.

Aliás, eu não era, eu fui me tornando pouco a pouco. Eu fui virando salas e salinhas, rainhas e súditos, cortinas de um azul desbotado, corredores, pias e balcões, fui me tornando na minha ficção e fantasia uma equipe: endocrinologista, ginecologista, enfermaria, advogado, psicóloga, psiquiatra, clínico geral, estagiários e estagiárias de medicina e tantos outros. Eu fui pouco a pouco, passo a passo naqueles corredores, me transmutando em um ambulare que acolhia usuárias e usuários de diferentes lugares geográficos com distintas histórias, uma mais humana que a outra. De maneira que eu fui virando ambulante humano. Fui me humanizando ao escutar e me relacionar com cada uma ali. Eu, agora, ambulare!

Ser um ambulatório não é suave. Pense só. Ambulatório vem de ambulare, que significa local onde as pessoas vão por si mesmas. Ambulare do latim é caminhar por si, movimentar-se. Agora um ambulatório, ou seja, um local aberto e livre onde as pessoas iriam por si mesmas, um caminhar livre. Mas nem tudo é assim quando se trata de transexualidades e travestilidades.

Roberta Close já me alertara: “Demorei anos para passar por esta porta! Para entrar aqui e estar com você agora sentadinha

e linda aqui nessa mesa conversando sobre como será o meu futuro”.

Eu, na ingenuidade de um ambulare, jamais teria imaginado que, embora a existência dos ambulatórios trans tenha sempre sido uma demanda de homens e mulheres trans e travestis, seria difícil e demorado para Roberta Close entrar. Mas era assim para muita gente. Roberta não era uma exceção.

Da mesma maneira que tinha gente que estava lá. Tinha chegado rápido mas já avisara, como Caio: “Eu vim, mas eu queria ser uma trans daqui uns dois ou três anos mais ou menos”. “Oi?” – exclamei. “Como assim?” – indaguei um pouco indignado. “Você não tem pressa?” – perguntei estranhando aquele tempo. Ser um ambulatório não é nada cômodo às vezes. Uma pessoa aporta aqui mas vai chegar mesmo daqui uns anos. A outra demorou 4 anos para chegar e quando chegou, aportou de vez.

Fui aprendendo com as histórias e as relações que iam me moldando como um ambulare e o que fazia sentir-me como um ambulatório era a vida dos usuários e usuárias que ali estavam. Eram aquelas narrativas históricas que ali me alimentavam de vida. Me despertavam daquele sono profundo que a academia científica muitas vezes nos convida a frequentar. Fui entendendo, a cada passo nos corredores, cheirando remédios e bolores, que eu ia sendo mais ambulare quanto mais eu abria possibilidade daquelas pessoas falarem comigo. Quanto mais eu me proponha lutar contra o meu pensamento, minhas definições, meu altruísmo. Quanto mais eu escutava! Meu pensamento era assim recheado de médicos, exames, pedidos, prontuários, vidas, dores, demandas, risadas.

Assim, de um pesquisador, fui me transformando nesse personagem que habitou minha cabeça durante um tempo, o Ambulare. Passo a passo fui me tornando o que hoje sou, essa narrativa, um caminhar livre, uma decisão. Eu, um ambulante

do pensamento e um ambulare na ação! Fui, conforme o tempo, incorporando um ambulare, um corredor, cheio de salas, um receptor de histórias, um corpo disponível a despatologizar a si mesmo, a deslocar-se de seu mundo e habitar a fronteira que só um ambulare pode nos levar, a fronteira dos gêneros.

CAPÍTULO 3

Nós ambulamus

SENDO UM AMBULATÓRIO, sou grato a muitas narrativas. Sou como esse complexo, agradecido a essas histórias, vidas, hoje amores que guardo aqui, nas minhas paredes mal pintadas, nas salinhas e sala que sou, guardo aqui no odor que tenho de hospital.

Roberta Close é esta mulher linda. Transexual, logo de cara me disse: “me chame de Roberta Close de Ininté porque na minha cidade, que é muito pequena, eu sou uma atração. As pessoas vão até a minha casa para pedir ajuda, conselhos, desabaços. Até o prefeito vai lá me pedir conselhos, portanto, eu sou uma pessoa importante, a Roberta Close de lá. Até porque também eu sou a primeira trans assumida na minha cidade”.

Mas minha história com Roberta começou tensa e errada. Fui até aquela parte do meu eu mais público - a sala de espera. Fui já com a folha de seguimento com o nome de Sandra. Nor-

malmente eu acionava o secretário, Laerte, para me mostrar quem era na sala de espera que correspondia aquela folha de seguimento. Eu não queria errar nomes, gênero, nada. Me vigiava o dia todo. Como um ambulatório, eu queria ser perfeito. Então pedi ao Laerte que me dissesse onde estava aquela próxima usuária nomeada na folha de Sandra. Ele me mostrou a Roberta (Sandra), aquela linda mulher. Fui até Roberta e disse: “oi, Sandra, eu sou o ambulatório trans, vamos entrar?” Sandra levantou, corpulenta que era, me olhou um pouco nervosa e disse que eu podia chamá-la de Roberta Close de Ininté! Eu já ri alto, um pouco alto para o ambiente.

Eu imediatamente adotei, achei lindo um nome adjetivado com o lugar, afinal era uma referência importante. Só perguntei, ainda de pé na sala de espera onde era Ininté.

Roberta me explicou em um segundo: “um ovo muito pequeno”. Ótimo, eu e Roberta iniciamos a passagem por aquele longo corredor de mim mesmo até a sala, uma das salas extras que as vezes eu me desdobrava. Sala quente e feia. Me entupiram de macas, computadores, caixas de remédios, tudo jogado. Mas fomos andando pelo meu corredor longo, fedido e feio, desviando de muita gente com jaleco, avental branco que atribui poder a quem normalmente já tem.

Abri a porta, ofereci que Roberta entrasse primeiro, ela entrou, eu entrei e fechei a porta. Em menos de um segundo, a mim parecia mais de uma hora, porque eu estava tão nervoso quanto a Roberta pareceria estar em sua primeira vez ali onde era eu, alguém bate na porta com força. Eu não abri imediatamente, olhei para ela já sentada na sala com um olhar de interrogação. Ela disse: “é meu marido, ele veio comigo”.

Eu, ambulare, queria ser tão perfeito. Fazia de tudo para não errar, me vigiava o tempo todo para acertar, nomes, gênero, detalhes, olhares, perguntas. Me senti tão mal. Aquela mulher

trans, de Ininté, rainha conselheira, tinha um marido. O nome era m-a-r-i-d-o.

Por que eu não consegui perceber esse marido na minha própria sala de espera? Ele era assim, baixo, muito mais baixo do que Roberta e eu. Era forte, com um boné enfiado até metade dos olhos. Branco, parrudo e se vestia assim como um jovem, um pouco próximo desses jovens que fazem street dance, boné, calça mais larga, um tênis e me olhava pela metade, pela metade da visão que a aba do boné permitia. Era mais jovem que Roberta.

Eu abri a porta da minha própria sala que eu agora era e disse: “onde você estava que não te vi”. Wesley imediatamente respondeu: “atrás de você, Doutor”.

Eu quis sumir quando ouvi aquilo. Por que eu não pressupus, nunca, que uma travesti, uma mulher transexual como Roberta Close de Ininté estivesse acompanhada de seu marido? Era comum as pessoas irem ao ambulatório acompanhadas de alguém, mas porque eu não me atentei para Roberta e Wesley como um casal?

As vezes, ao abrir a porta, chegavam casais. Um casal lindo. Chegou na sala que eu era aquele dia. Pararam na porta. A coordenadora executiva me disse: “olha é a Manuela e a Thania”. Quando você é um ambulatório trans, um Craist, você aprendeu a não associar nada nem a ninguém a priori a nomes. Você só os usa depois de conversar com as pessoas, porque antes você não sabe nunca qual o nó do nome! Porque os nomes podem ser nós! Então quando alguém falava: “oi, essa é fulana e esse é o ambulatório. Eu, como um ambulatório que fui aprendendo a ser, nunca me importava com aquele nome até conversar e saber quem era e como queria ser chamada aquela pessoa. Duas questões que sendo ambulare sempre me intrigavam: associar nomes a pessoas sem antes saber a quem e falar de sexo e práticas sexuais sem adjetivos mas descrevendo

sempre as práticas, os órgãos e as formas. Descobri, aos poucos, um novo jeito de pensar.

Eu fui aprendendo com as conversas do dia-dia nas salas e corredores que eu era, que eu tinha que habitar a fronteira do pensamento, porque eram dois mundos incomunicáveis, muitas vezes. Aprendi rapidamente que adjetivar as práticas sexuais com “sexo lésbico”, “sexo gay”, “práticas lésbicas”, “práticas gays” mais atrapalhava do que fornecia alguma compreensão. Fui aprendendo que esses termos não descreviam nada, mas prescreviam na conversação modos de ser e de pensar, modos que determinavam já lugares e funções. Fui me deslocando dessas prescrições com o tempo.

Assim foi com Manuela e Thania. Olhei desde a minha mesa e pensei: uau, que mulheres lindas! Percebi ali, discretamente, que eu tinha notado uma certa masculinidade nelas, talvez mais em uma do que na outra. Mas o que mais forte despontava no meu olhar de fato era a beleza. Eu disse – “Entrem, estou aqui terminando um relatório” - um ambulatório é uma correria de coisas – “e já conversamos”. Mas tentei seguir no meu relatório com elas sentadas ali na sala. Desisti, eram lindas demais. E Manuela – “Há tempos venho sabendo que me sinto melhor como homem do que como mulher”. Assim iniciamos nossa conversa. Foi um encontro muito forte. Elas estavam começando a pensar sobre como seria a relação das duas, até então se nomeavam um casal de mulheres não lésbicas, daqui para a frente com a transição de Manuela.

Isso foi o que eu pensei ao conhecer Thory, embora nesse dia ele fora sem sua namorada, levou a mãe na sua primeira ida ao Craist, mesmo assim eu pensei: quando será que Thory irá falar da sua namorada e sobre o quanto a transição altera as relações? Foi nesse dia que comecei a entender que Thory já vivia sua masculinidade exercida e atuada com sua namorada – “não, não

curto mulheres lésbicas, gosto é de mulher heterossexual, elas me tratam como homem na relação”.

Thory chegou no ambulatório no mesmo dia que eu. Chegamos juntos, aliás. Fui até a sala de espera buscar a pessoa daquele seguimento anotado. O nome era Silvia. Perguntei ao secretário quem era. Ele me apontou. Meu fervor classificatório começara: é um homem, é uma mulher, é uma mulher trans lésbica, é um homem trans hetero. Enfim, a inteligibilidade é isso, efeito de um sistema normativo de sexo/gênero que regula e organiza de forma classificatória e hierárquica todas expressões. Thory levantou-se. Eu disse, “vamos?” Em seguida uma mulher também se levanta. Me pareceu um pouco brava pelo olhar. Era a mãe de Thory que depois eu descobriria na conversa com os dois.

Pergunto ao Thory: “E você como se chama?” Ele com um certo olhar de canto de olho me disse: “ufa! cheguei até aqui! Demorei, mas cheguei”. Eu apenas respondi: “que bom que você está aqui”.

Ele me diz - “então, eu me chamo Thory, acabei de decidir. Enquanto eu esperava ser chamado por você, consultei meus amigos no whatsapp se Thory era um bom nome. Eles adoraram, curtiram mesmo. Decidi então agorinha ali na sala, eu sou Thory. Fui batizado agora como Thory.” Ou seja, aquela conversa era um batismo no Craist. Ele me falava isso sob o olhar bravo e atento, arregalado da mãe, que até então eu não sabia quem era. Nessa hora ela resmungou: “mas é uma pouca vergonha mesmo, teu nome é Silvia”, exclamou aquela mulher raivosa mas expressando na voz nervosa alguma curiosidade.

O nome é algo realmente importante para todo mundo. Um nome é uma síntese de muita coisa, inclusive de uma ordem classificatória. Foi assim que conheci A Antonio. Ela, uma jovem trans, apareceu na primeira reunião de grupo. Inteligente,

ávida pela fala, A Antonio usava esse nome. Nomes são problemas. No Craist, nomes são problemas, problematizam as linguagens e as condições em que elas se produzem. Por que ali, desde o Craist, usuários e usuárias podem iniciar seu pedido de refiticação de nome. Problematizar é sempre algo que nos faz pensar, não naturalizar, recontar a história tendo outros terrenos para sua estadia.

Na nossa ordem classificatória, sempre achamos, no mínimo, duas coisas sobre os nomes: que eles revelam muita profundidade de sentidos, ou seja, sempre querem dizer algo profundo e latente; e que devem ornar com uma suposta sequência normativa do sistema sexo/gênero. A Antonio já desafiava logo essa ordem. Uma vez, me lembro de perguntar. “Mas você não acha que confunde um pouco a cabeça da sua mãe?” Porque A Antonio reclamava que a mãe não a respeitava sempre e às vezes a chamava de Ele. A Antonio virou-se, rápida que era - “eu vim para confundir, meu amô”. A Antonio é dessas jovens brilhantes, aciona tudo e todos, conhece bem o jogo da cisgenderidade, joga com ele, sabe o que é a humilhação pública nas escolas quando se é uma jovem trans, conhece de perto a dor mas também as armas de enfrentá-la. Ela quem me apresentou algumas artistas trans muito boas. Ela me apresentou também a melhor análise de uma mãe de uma jovem trans. Aprendia todo dia com A Antonio. Aos poucos, fui descobrindo muitas artes no Craist. Muitos e muitas usuárias são artistas.

Artista também é Marcelo. Foi um dos primeiros usuários que eu conheci. No meu primeiro dia como ambulare, chegou o Marcelo. Eu nem bem sabia muito o que era ser um ambulare por completo. Mas já fui conhecendo Marcelo. Ele é cantor, toca guitarra. Faz shows. Marcelo era impressionante pela perspicácia. Audacioso na força de ser quem era. Marcelo vivia só, muito jovem, inteligente e esperto, trabalhava, estudava e

namorava bem. Marcelo foi abraçado por mim. Eu sendo ambulare, aprendendo a ser, logo de primeira topo com ele. Um jovem trans, todo certo. Sabia o queria desde sempre. Saiu da casa da família para ser o que quis. Bancava tudo. Dava dicas de como conseguir trabalho para todos, ensinava. E tinha sucesso em qualquer mudança de emprego que conseguia.

Com Marcelo aprendi aos poucos que o mundo era mais negociação do que guerra. Ele tinha essa calma e paciência para me contar da vida. E dizia com uma certeza: “vim porque preciso pegar meus hormônios”. Marcelo me ensinou a ter calma mesmo sendo um ambulatório que tinha tantas coisas a fazer no corre do dia-a-dia. Encontrei Marcelo apenas três vezes, mas quando encontrávamos parecia que éramos amigos. Acho que somos amigos. Ele sorria, eu também. Ele vinha e eu ia na sua direção. Ele se sentia livre nos meus corredores. Eu me sentia feliz dele andar por lá, sob minhas pinturas e sujeiras. Ele me transmitia calma. Não sabia contar nada dramaticamente. Contava as coisas mais doídas de forma a pacificar qualquer dor. Me falou de sua namorada uma vez só, mas falou com a mesma certeza que falara antes dos hormônios. Marcelo é desses que andam por mim sorrindo.

Que sorriso bonito. Eu não conseguia, ao receber tanta gente, parar um minuto. Como todo bom ambulatório, ambulare era um corre para lá, corre para cá. Mas vi aquele sorriso e não me escapou. Era Caio. Uma jovem trans, universitária. Ela era linda com sua masculinidade feminina. Toda programada na vida. “Vou fazendo assim, depois vou por ali, daí venho aqui e faço isso”. Caio programava sua transição. “Eu quero ser uma mulher em dois ou três anos”. Ela vinha de um longo trabalho de reflexão sobre si.

Caio também participava do grupo de usuários e usuárias que acontecia às quartas-feiras. O grupo foi um momento importante.

Caio conhecia de perto a face cruel do conservadorismo religioso. Vindo de família religiosa, tinha sido submetida a várias experiências reparativas cruéis. Rituais de culpabilização pelas sexualidades com tentativas de reparar identidades. Caio, essa jovem trans, conhecia de perto, tinha sido submetida a várias experiências desse tipo. Talvez por isso ela era parcimoniosa. Sabia que sua transição era paulatina, em seu ritmo, com o seu tempo, esperando a demora no seu próprio tempo. Um tempo que vai se manifestando não como desejo, mas como negociação.

Os tempos são muito diferentes. Eu, como um ambulare, posso dizer que o tempo parece ser individual, único. Mas não é. O tempo é um complexo articulado de posições. Me explico: tal qual um ambulatório, vi demandas e urgências muito distintas, todas sob o manto das transexualidades e das travestilidades. Se o tempo de Caio era vivido a conta-gotas, isso tinha uma relação articulada com sua posição: universitária, de classe média, não precisava trabalhar, embora fosse ocupada com estágios e horas de trabalho acadêmico. Família religiosa, tinha passado por várias sessões curativas violentas e reparativas que deixam dores sem fim na alma das transições ou das desobediências de gênero. O tempo para Nadir já era outro. Articulado em posições como classe social, Nadir era auxiliar de cozinha. Queria ser mulher. “Não acredito! Demora? Eu quero ser mulher logo, já tô louca pra ser”. Nadir era uma dessas jovens travestis que já estava transicionando. Embora não tivesse mudado em muito seu nome, Nadir queria ser mulher logo. Seu tempo era da urgência e a demora não passava um segundo. Nadir já estava usando perlutam, prática hormonal bem conhecida entre as travestis. E no momento em que eu disse “mas não dá para você vir aqui e depois não seguir as orientações médicas de utilização do hormônio, né”. Ela retrucou imediatamente - “a depender da demora, tá?” O tempo era para Nadir uma questão de tempo.

Sendo ambulare, a gente tem que se virar em muitos espaços. Em um sala escutava Nadir, sua necessidade de ser mulher urgente. Nadir inspirava as pessoas, parecia certa e decidida ao entrar no Craist, embora quando se instalava um limite, Nadir rapidamente se coloca na subversão das regras. “Mas não faz bem tomar perlutam?” “Eu tomo e olha aqui” - ergueu minha mão na altura dos seus seios – “e já estou de peitinho! Viu? Perlutam ajuda muito, doutor”. Como diria uma usuária nova outra semana: “Perlutam, a injeção da beleza, sabia?”.

Nadir era dessas pessoas que a vida já tinha dado suas aulas mestras. Como uma jovem mais pobre, Nadir já tinha aprendido o caminho das coisas que queria. O caminho paralelo. Nem tão paralelo, pois o clandestino e o oficial são retas que se encontram, o caminho da clandestinidade do comércio de hormônios e serviços que travestis e trans são empurradas a tomar e o caminho da institucionalidade, que por vezes burocrático, exclusivista e demorado para tempos tão heterodoxos.

O tempo de cada um em um ambulatório é algo muito curioso. Um ambulatório tem prazos, datas, processos, fluxogramas, prontuários, diários, etc. Mas no Craist, esse já era um ato inicial da despatologização: o tempo é o da demora de cada um. Nadir e Roberta desconheciam a demora, enquanto Caio e A Antonio bailavam sobre ela.

As miudezas despatologizadoras exigem o cuidado com o tempo dos sujeitos, com esse tempo que não passa em relógio, mas é contado com o corpo em vida. Nas miudezas é que se desconstrói toda história de patologização dos corpos e do gênero. Nas miudezas é que se aprende que despatologizar não é desassistir, muito pelo contrário, é colocar o cuidado à saúde no lugar do cuidado co-responsável. Desdiagnosticar não é abandonar. Ao revés, despatologizar é perceber que há uma diversidade corporal, de gênero, de sexualidade e essa diversidade le-

gítima tem singularidades históricas e pessoais que precisam ser cuidadas. Isso que se chama pensar a despatologização a partir das materialidades¹, ou seja, nas miudezas do fazer com o outro.

Bya chegou pela urgência. Tentativa de suicídio. Bya entrou, mas não pelas minhas portas de ambulare. Nem com demora, nem sem demora. Bya vinha de outro tempo, um tempo do passado com muita dor. Entrou pela emergência psiquiátrica. Tomou mais remédios do que deveria. Estava cansada do silêncio, resolveu falar, gritar, espernear. Bya era calma. Falava com tranquilidade. Voz mansa, sorriso desconfiado. Mas se via na sua voz a dor. Uma dor sem nome. Uma dor sem lugar. Não rimava com ambulare. Bya não chegou livremente, embora tenha clamado por alguma liberdade ao chegar. O tempo de Bya era ontem. Sempre presa no pretérito. Bya vivia com as dores do passado. Sua entrada me assustou. Mas sua fala era doce e encantadora. Bya vivia o presente como passado. Mas sonhava com um futuro travesti.

Fomos acionados no Craist porque uma paciente na emergência da psiquiatria tinha solicitado que alguém buscasse suas injeções de perlutam em sua casa. A psiquiatria acionou o Craist. Já fomos nós. Chegando lá, conhecemos Bya. Uma jovem encantadora, muito bonita. Com uma voz mansa mas cheia de dores. Sua história passada tinha sido tão dura que Bya lá se encontrava. Andava no presente porque o corpo se estendia, mas agia, pensava, amava, odiava no seu passado. Bya era uma jovem trans com marcas do passado no próprio corpo. Sua travestilidade tinha vindo do passado, e era a esperança de uma nova vida no futuro. Sua travestilidade era como uma esperança. Sua travestilidade era como deixar um passado para trás, era

1. Agradeço ao ativista e filósofo Mauro Cabral Grispun por ter me elucidado sobre essa prática a partir da noção das materialidades.

um esforço cotidiano de se ver livre do pretérito e abraçar definitivamente um presente em seu próprio tempo.

As temporalidades são um dilema. São materialidades subjetivas que invocam outros tempos que não o tempo do diagnóstico e da classificação. O tempo da gestão nem sempre é o tempo da subjetivação. O tempo do Craist era mais um paradoxo porque tinha que rimar com os ponteiros da política nacional do SUS, com o tempo dos relógios e com os tempos das transições singulares de cada um. Por isso eu insisto, uma sexta-feira de Craist é um mês todo. Uma rima impossível mas que dá certo.

No primeiro mês conheci Belamy. Era uma travesti. Tinha feito mudanças corporais mas não carregava um senso estético equilibrado. Belamy é alta, magra, muito magra. Tinha colocado dentes novos em um formato pouco estético. Belamy parecia ter dentes maiores do que antes. Usava maquiagem, disfarçava o erro dos implantes dentários. E se vestia com uma armadura. Belamy dava sensação que estava em guerra, mas preferia seduzir antes de lutar. Um bustiê curto que se via os arames na altura das mamas. Ela não tinha prótese nem tinha seios mas se viam mamas. Uma saia ou short bem abaixo do umbigo e barriguinha de fora. Belamy parecia estar sempre pronta para tudo, e sempre com a mesma vestimenta. Tinha uma voz grossa, rouca e um olhar que não convergia para o interlocutor quando estava na sua frente. Belamy tinha um desequilíbrio estético que parecia modelo pós-moderna de um dos filmes de Almodóvar. Era um misto de humano com armaduras de soldados. Era um ciborgue, uma resistência à violência.

Eu entrei na sala, ela estava lá sentada. Eu disse “oi, Belamy, tudo bem?” Ela ergueu a cabeça de lado, olhou em direção a algo que atravessara meu corpo e disse - “eu não estou gostando nada dessa lei nova! Quero fazer uma reclamação”.

Eu reagi com um pouco de dúvida mas resolvi perguntar - “mas qual lei?”. Ela imediatamente me olhou de forma a fixar o

olhar em algo que não eu e continuou “eu não estou gostando dessa lei, eu quero usar o banheiro é masculino”. Eu disse, “olha, Belamy aqui você pode usar o banheiro que você se sentir bem, não há lei que impeça você escolher”. Aliás, disse para ela - “não tem lei para dizer qual banheiro usar pra ninguém, isso é uma convenção de gênero absurda e aqui você é quem escolhe”. Eu, ambulare que era, achava que Belamy estava no meu contexto, que ela e eu tínhamos um em-comum.

Belamy disse de forma dura “não é aqui com você. É lá no terminal central da estação de trem. Dizem os guardas que tem uma lei nova que gente como eu tem que usar o feminino. Eu quero usar é o masculino porque é lá que eu....” - sorriu de lado assim um pouco assustadoramente mas com certa honestidade. Afinal, ela trabalhava no banheiro masculino, fazia programas baratos e rápidos com homens no terminal central de trem. Não usava o banheiro por direito, usava como um dever e um prazer. Não queria o direito de ter outro banheiro de acordo com seu gênero. Belamy tinha o banheiro como lugar de ofício e prazer. Fazia seu gênero no banheiro que escolhera.

Eu ambulando por ali e por aqui, acompanhei, segui, trilhei, recebi, aprendi com essas pessoas, a vida sem patologias sobre gênero e sexualidades. Eu, antes de ser ambulare, já fazia algumas ações pela despatologização das transexualidades. Mas foi só sendo ambulare que pude compreender de forma mais densa os sentidos da patologização e os efeitos da despatologização nas materialidades da vida. Tanto no conteúdo como na forma. Aprendi, no dia-a-dia, sendo um ambulare, a pensar sobre o pensamento classificatório dos gêneros e as consequências materiais que decorrem desse processo complexo. Elas não são necessariamente boas ou ruins, mas são ordem de classificação que restringem possibilidades de vida, embora criem um laço entre outras vidas. Assim, fui dia-a-dia desclassificando.

CAPÍTULO 4

Despatologizar é desclassificar, não descuidar

A ORDEM CLASSIFICATÓRIA produz inteligibilidade normativa e em um ciclo convencional as inteligibilidades sustentam as ordens classificatórias. Produzem percepção social. Produzem um jeito do corpo. Produzem o hospital, o diagnóstico, a prescrição, a terapêutica e a dor. A ordem organiza, prescreve e produz percepção sobre um outro. Sua descrição é ação prescritiva, uma vez que ela produz um desejo de reconhecer o outro conforme sua ordem. Ela constrói materialidades no corpo e nos modos sensíveis dos afetos.

A ordem no Craist é desclassificar. Isso é muito raro. Eu fui virando um ambulare desclassificando meu pensamento. Mas sempre resta a questão como desclassificar e cuidar ao mesmo tempo? Como desclassificar e utilizar da ordem biomédica para cuidar?

Logo que encontrei Belamy, com sua aparência trans singular, seu olhar de lado cheio de dentes no rosto, com roupas de ar-

madura com arames, com micro saias, havaianas e de cabelos lilás, meu pensamento já instalava a lente da classificação. Meu primeiro sentimento ao abrir a porta da sala e ver Belamy sentada, olhando através de meu corpo para o infinito e sorrindo com sua arcada dentária sobressalente, foi de enviar Belamy para uma consulta com a psiquiatria. Não que eu achasse que ela não se beneficiaria. Mas como encaminhar alguém para psiquiatria sem ao menos escutar? Belamy tinha sua história. Era única filha e residia com a mãe e uma tia. A mãe era o mal, segundo Belamy. “Minha mãe é um cão de ruim, me bate, me põe na rua”. Mas a tia parecia cuidar. “Se não fosse minha tia, eu já morava na rua”.

Belamy nunca me contou muito. Era econômica. E afinal, ela veio para uma só coisa, mudar a lei. Foi assim que comecei a diagnosticar Belamy. Mas ao mesmo tempo eu lutava para, na miudeza do ato, despatologizar. Belamy fazia programas no banheiro masculino do terminal de trem. “Você acha que vê aqueles homens lá fora tudo macho, entra no banheiro comigo é tudo mariconá”. Eu logo perguntei – “Mas olha só, não podemos mudar lei aqui, mas por que mudar essa lei se ela te reconhece tendo direitos agora”? Belamy riu novamente com uma bocarra grandiosa, olhando através de mim, de lado sempre e disse – “eu quero trabalhar no banheiro masculino”.

A escuta pode ser um ato desclassificatório importante. Despatologizar tem o sentido prático de dar lugar para a voz do outro, ao mundo do outro. Um rompimento, uma cisão no tempo da urgência. Dá uma autonomia da voz. A voz passa a ser um discurso, um pensamento, uma reflexão. Despatologizar significa compreender o que o outro compreende e como tal compreensão pode somar à sua, digo à nossa, de um ambulatório, onde há equipes médicas e práticas de cuidado estabelecidas em protocolos e fluxogramas.

Marcelo era certo quando falava. Tinha um sorriso largo. Além de ajudar todos com novos trabalhos, empresas que contratam trans, tudo Marcelo sabia. Era solidário, mas sabia o que queria – “vim aqui para pegar receita e tomar hormônios”. A vida de Marcelo não tinha sido fácil até aqui. Mas não era assim que ele a narrava.

“Eu sai da casa dos meus pais com 16 anos. Eles não iam entender tudo que ia acontecer em mim. Eu sou um homem trans, já era, com 16 eu já sabia o que eu queria ser, um homem. Eles não entenderiam. Fui para uma cidade próxima, sozinho, comecei a trabalhar em posto de gasolina, nas noites. Logo, continuei meus estudos. Mas tinha que pagar tudo. Sozinho às vezes fica difícil. Mas fui pagando. Vivendo. Até que comecei a ter problemas com um professor na Faculdade. Ele não respeitava meu nome, nem meu gênero. Fazia questão de dizer: “eu chamo a pessoa conforme é oficial!” E o que é oficial, meu caro professor? “Se o nome é meu, o corpo é meu, porque oficial é o que não sou eu. Ele parecia que fazia só para dizer - ah quem manda aqui sou eu, quem decide sou eu”.

A patologização das transexualidades é uma questão de poder. O que está em pauta ao se debater as despatologizações é como alterar ou subverter determinadas relações de poder. De vários poderes. Do poder da medicina sobre o corpo. Do corpo da lei sobre um direito. Do poder cisgênero sobre a experiência trans. Do poder do conhecimento sobre a experiência.

Como se trata de uma questão de poder, avistamos logo hierarquias de saber. As hierarquias não são boas ou ruins. São posições, relações e formas de conceber o mundo social e individual. As hierarquias não funcionam por necessidade mas por suas contingências, pelas suas formas de consentimento, reprodução e legitimação. Assim, quando a medicina está no topo da hierarquia para definir qual é o gênero adequado a um corpo e

como um corpo define um gênero, ela se utiliza de uma posição histórica sobre o lugar do conhecimento, se utiliza de um conjunto de relações materiais, diagnósticos, medidas, nosologias, terapêuticas, métodos e etc, e por fim se utiliza de legitimações, caso do uso da lei, do pensamento jurídico para dizer sobre o direito do corpo.

Nadir parecia ser prático. “Quero ser mulher, compro per-lutam, quero peito, quadril largo”. A classe é um marcador social importante. Muitas pessoas, especialmente travestis e mulheres transexuais, de baixo poder aquisitivo, são rapidamente empurradas para um mercado clandestino de serviços de alteração corporal e outras mudanças. Esse mercado tem trajetória. Atravessa famílias e famílias de travestis. Nadir já está aí. No mercado clandestino há muito tempo. Mas Nadir queria fazer hormonização com acompanhamento médico, assim, veio.

A história da clandestinidade segue sendo produzida pela institucionalidade exclusivista. Como as pessoas não conseguem reconhecimento em seus direitos, acesso aos cuidados, acesso a instrumentos de modificação corporal e outros pelas lógicas institucionais públicas, elas são convidadas a participar dos inúmeros mercados clandestinos. Além disso, a própria burocratização, judicialização e patologização das instituições oficiais exige a existência do mercado clandestino. Quando um endocrinologista olha para uma travesti e diz que ela ainda não é muito feminina, portanto precisa voltar quando já tiver certeza que é mulher, ele está exigindo do mercado clandestino a sua funcionalidade. Ou seja, as normas de gênero funcionam sustentando o mercado clandestino, a clandestinidade do cuidado e acesso para que alguém possa participar da oficialidade do serviço. Alguém que esteja bem adequado à racionalidade do poder prescritivo do pensamento hegemônico.

A injustiça da patologização abrange inúmeros afazeres e cuidados. E uma perversidade da produção da patologização é

que ela faz com que muitas pessoas trans se afastem dos lugares de cuidado a saúde. Que não frequentem mais médicos e outros profissionais pois tudo se torna uma imensidão de violências e constrangimentos. Há muitas histórias de violação e violências que as pessoas trans sofrem ao tentar estabelecer algum cuidado à saúde. Nadir sabia, com as dificuldades financeiras que vivia, que o acesso a nada é fácil. Assim, já tinha produzido sua acessibilidade aos hormônios e algumas mudanças. Mas queria continuar, cuidar da saúde e ser mulher.

“Eu vim aqui para ser mulher. Se não dá para ser aqui então me fala que eu vou embora. Porque eu sou mulher toda, todinha” - insistia Nadir o tempo todo.

Receber Nadir foi delicado. Tudo que se dizia, Nadir entendia como impedimento para ser a mulher que desejara. Me lembro um dia que eu disse – “mas Nadir, assim não dá, você precisa respeitar as doses indicadas”. Ela entendeu que eu estava dizendo que não dava mais para ela ser mulher. Deu um grito - “eu te disse, eu fico para ser mulher, se não é, me avisa logo que eu vou embora mas você quem me disse, fica que vai dar certo.”

Despatologizar é materialidade também. Materialidade da escuta. Materialidade em não classificar Nadir em nenhuma categoria. Afinal, quem sabia da vida de Nadir ? Ao não classificar, uma série de inúmeras questões aparecem. Quando não se tem rótulo com descrição, é necessário que a história se faça presente. Assim, Nadir me contou que era ajudante de cozinha e que tinha um caso com o dono do restaurante, que era casado com uma mulher. Vivia em um bairro mais distante e tinha muitas amigas travestis. Morava com mais duas em uma pequena casa na periferia da cidade. Não via mais sua família, já tinha muitos anos, mas lembrava que foi muito ruim sempre na infância. Apanhava do pai todo dia “vira homem - ele gritava e me batia de vara de goiabeira”. Nadir era uma força de

resistência, sabia que nada seria fácil mas seu desejo era levado por ela com ética e pressa.

Como classificar Manuela e Thania? Eram muito lindas, a melhor e única classificação. Juntas pareciam ficar ainda mais bonitas. Manuela me parecia um pouco mais bonita que Thania, embora Thania fosse mais jovem um pouco, ainda lhe guardava um jeito de menina. Manuela era um pouco mais velha, era quem tomava a frente para dizer - “sim eu tenho estudado, e estudando é que fui aprendendo e sei que sou um homem trans. Converso com pessoas, leio tudo e já estou agora preparada. Só estava esperando mesmo minha mãe melhorar”. Eu perguntei, “mas sua mãe esteve doente”? Manuela - “não! Preconceituosa mesmo. Mas ela me aceitou lésbica” - olha para Thania assim com cumplicidade. E segue - “Mas quando eu mostrei para ela um homem trans num vídeo e disse eu quero ser assim, ela ficou abalada”.

Há algumas pessoas que se identificam como homens trans que vivem experiências lésbicas antes das transições, outras que não, mesmo quando estão em uma relação que aparentemente é lida como uma relação entre duas mulheres. Como classificar, para que? Eu perguntei à Thania, “e você Thania, como estás vendo o desejo da Manuela em transicionar?” Thania falava muito pouco. Era atenta, discreta e silenciosa. Mas olhou para Manuela e disse “sabe... eu amo ela, o que for para ela ser feliz eu topo”.

Eu não me convenci. Apesar de ser ambulare há pouco tempo, tinha muita consciência de que uma transição é sempre envolvida de dilemas, alegrias, esforços, dores e prazeres. Mas insisti com Thania - “bom, para ela ser feliz tudo bem mas e a sua felicidade por onde anda?” Ela remeteu o olhar para Manuela e disse sorrindo - “aqui juntinho dela!”. Manuela me conta a história de que desde uns 6 anos de idade não se sentia bem com as coisas de menina. “Sabe me colocavam aqueles vestidinhos, cabelo com presilhas, eu não gostava. Mas minha mãe foi com o

tempo vendo que eu gostava mesmo era de me vestir assim, camiseta, calça e eu tenho esse cabelo grande. Até minhas amigas falam sempremas você quer ser homem com esse cabelão”. Manuela tinha um desses cabelos lindos, preto, grande, dava um formato ao seu belo rosto. “Daí eu sempre digo, ai que carecece, nunca viram homem de cabelo comprido, fica bom”.

Eu sempre tentava fazer perguntas que facilitassem iniciar o pensamento sobre a transição e o percurso aqui no Craist. Logo perguntei – “e tem alguma parte do seu corpo que você gosta mais?” Manuela sempre direta - “eu gosto de tudo. Só não curto muito os seios mas ando de faixa, isso não me incomoda. Acho que me incomoda mais que as pessoas vejam que tenho seios do que ter seios de fato”.

No Craist, o acolhimento é um passo muito importante da trajetória da despatologização do cuidado. O acolhimento é feito por qualquer pessoa da equipe, ou seja, não tem um profissional por excelência, um especialista em acolher. No acolhimento o profissional não está lá identificado como médico, psicólogo, assistente social ou outro. Ele é um membro da equipe. Inclusive como muitos acolhimentos são feitos por psicólogos e há uma narrativa pública histórica das experiências trans com as psicólogas e psicólogos, evitamos ao máximo, no momento de acolher, dizer algo sobre a especialidade de cada um. Muitas pessoas nos chamam de doutor, como uma referencia a médicos, mas sempre falamos, somos parte da equipe, somos ambulare.

No acolhimento duas questões são fundamentais: entender um pouco os motivos que fizeram as pessoas chegarem aqui e iniciar o desenho de uma trajetória individual no Craist. É um momento como se fosse uma festa. É a festa para dizer você é bem-vindo, você é bem-vinda aqui. É uma festa da chegada. A festa do ambulare.

Assim foi com a chegada de Thory. Ele era muito sorridente. Estava feliz, me disse ele quando exclamou – “ufa! cheguei aqui!

Ele estava visivelmente feliz. Embora acompanhado de uma mulher, que mais tarde eu descobriria ser sua mãe, que estava bastante carrancuda. Umas mães que chegam no Craist choram. Outras ficam carrancudas e bravas. Outras felizes. Uma mãe no Craist é sempre uma bela novidade chegando.

Ao entrar na sala, a mãe de Thory jogou a mochila entre as inúmeras cadeiras vazias. Esse dia, eu era a sala da rainha. Uma sala grande com ar condicionado e muitas cadeiras. Ela jogou a mochila, sentou-se de forma abrupta e de braços cruzados soltava uns sons de brava. Eu só pensava que conversa teríamos entre um homem feliz, um ambulatório e uma mãe brava.

Foi com quem primeiro aprendi que a escolha do nome é mais diversa e inclassificável. Thory tinha acabado de decidir seu nome na sala de espera. Aquele encontro era, antes de tudo, um batismo, um rito. Logo me dirigi à mulher e perguntei - “e você quem é?” Ela ainda braba, braços cruzados enterrados entre o peito e o umbigo, um pouco maquiada, me respondeu - “eu sou a mãe dessa coisa aí». Thory nem assim deixara escapar seu sorriso. Manteve a calma, me olhou como quem diz - “eu tenho paciência”.

Thory era um cara grande, um pouco obeso, cabelos curtos, com um andar e um corpo masculinizado, tinha mamas grandes e um largo sorriso nesse dia. Eu olhei para a mãe e resolvi enfrentá-la: “mas por que tão brava?”. Ela começou a falar, na verdade, a desabafar uma longa história. A ordem das classificações ia caindo a cada capítulo dessa história, a cada encontro no Craist.

Eu, quando estava de ambulare, parecia um vigilante de mim mesmo. Entre as minhas paredes e salas de sextas-feiras, entre a luz dos vidros das janelas e os balcões com pias desativadas e percorrendo corredores lotados de humanos para lá e para cá, me vigiava o tempo todo.

Minha vigilância era sempre tensionada entre tudo que preciso saber sobre um encontro e tudo que preciso evitar saber sobre esse mesmo encontro, uma vez que querer saber demais pode ser um ato de patologizar. Então andava por dentro dos meus pensamentos a testar antes cada questão para mim e avaliar suas consequências. E se eu perguntar se por acaso você transa e como transa, seria mal entendido? E se eu perguntar desde quando? Seria um rompimento com a ordem do acolhimento? E se eu.....inúmeras eram as questões postas na minha cabeça para materializar um espaço de cuidado que não deslegitimasse a experiência do outro com as sinuosidades que essas experiências têm. Fui aprendendo, fui observando e fui anotando que as usuárias e usuários do Craist já sabiam muito. Me ensinavam, e embora eu estivesse ali de salas e portas abertas, nem sempre era um encontro apaziguador. Sempre se colocam demandas e posições inesperadas. Um encontro com um ou com uma usuária na sala era sempre uma grande aventura. Me lembro como se fosse hoje do dia que chegou uma mãe com um filho, tratada como filha, todo encapuzado. A mãe, que era bastante humilde e tinha um histórico de abuso e humilhações, trazia uma sacola de recomendações médicas, laudos psicológicos e psiquiátricos, recomendações da escola, e outros documentos. Sacola que o filho nomeava como “minha história”. Ele tinha 9 anos, não mostrava o rosto nem o corpo que se escondiam dentro de casacos de moletom com capuz. Eu não conseguia compreender o que a mãe dizia, desejava, queria. Foi um encontro muito difícil para ela e para mim. Depois de quase uma hora tentando conversar, consegui abaixar o capuz de Eduardo, que a mãe chamava de Tamires. Ele me olhou com um sorriso e um espanto simultaneamente.

A mãe só repetia sua preocupação que o pai supostamente seria “abusador da minha filha”. O que fazia com que Eduardo

gritasse com ela – “você tem ciúmes do pai”. Mas eu não consegui entrar na história, na narrativa deles. Tinha algo entre nós. Tinha um vazio entre nós. O ambulare, esse dia, se viu incapaz de um encontro. Saí da sala, dei uma desculpa e fui andar pelos meus corredores. Encontrei uma parceira de ambulare. Comentei com ela que eu não sabia o que fazer para entender aquela mãe e o filho. Ela, sensível como sempre e conhecedora do cotidiano do ambulare, me disse – “querido, fique com eles aqui no Craist. Não encaminhe eles para outro lugar. Ele é uma criança trans, você verá”. Retornei à sala e olhei para a mãe e disse – “você acha que seu filho” – ela retrucou abruptamente – “filha”. Eu disse – “você acha que vocês gostariam de ficar aqui no ambulatório de transexualidades?”. Ela imediatamente me respondeu – “sim, ela é lésbica”. Ou seja, ela queria, tentava me dizer algo. Eu, mesmo de salas, corredores e cortinas abertas para escutar, não conseguia compreender que ela queria me dizer que precisava de cuidado e não de diagnóstico.

Há muitos mitos sobre transexualidades, principalmente quando se trata de experiências na infância ou na juventude. Um deles é o ponto de partida e o de chegada. Todos querem saber quando começou e até onde será capaz de ir. É como se as experiências de gênero fossem uma linha reta com um ponto inicial e um final e estamos nós, cisgeneros, como aqueles que supostamente não sabem seu ponto de partida e nem precisam dar satisfação do lugar de chegada, doidos para saber da diferença do outro afinal, como isso começou? Além disso, há sempre uma ideia de tentar dar inteligibilidade e uma racionalidade à experiência. Como se fosse um certo cálculo entre causa e efeito. Vigava todo meu pensamento a fim de que nenhum pensamento mudo pudesse trincar a frágil e tênue relação que criava, aquele dia com essa criança e sua mãe.

Quando eu sai do encontro com Thory e sua mãe brava, eu realmente comecei a entender que, na prática, classificar

o gênero, corpos e sexualidades servia para a manutenção do poder e de uma ilusão de segurança de que somos úteis profissionalmente, mas realmente estava a cada minuto mais nítido que não sabemos nada sobre as experiências transexuais e travestis. No meio da conversa com Thory, ele me contava que tinha tido várias experiências lésbicas, que estava com uma namorada, mas que realmente a partir daquele momento era um homem trans. Que nunca tinha estado confortável como lésbica embora fosse feliz com as namoradas, Thory era heterossexual. Ele contava tudo com uma leveza de quem já assistiu noites em claro e dias escuros na solidão do seu pensamento.

Às tantas, no meio da conversa com Thory, a mãe levanta e diz – “sabe, eu quero dizer uma coisa”. Eu e Thory nos entreolhamos com uma certa cumplicidade na proteção. Eu imediatamente pensei, eu não vou permitir mais agressão aqui. Thory me olhou, pela primeira vez sem sorrir. Ela de pé, falando alto, disse esbravejando - “Eu amo sua madrinha, tá, olha e nós temos um caso! E eu sou infeliz, porque você é feliz, tá indo atrás do que te faz feliz. E eu? E eu que aguento aquele homem mas na verdade eu amo é a madrinha. E eu que tenho que arrumar tudo sozinha e ainda esconder um amor?”

Eu não sei muito bem como foi que reagi corporalmente, tenho a sensação de que me encolhi todo. Só sei que olhei para o Thory e percebi que tínhamos muito mais que cumplicidade, estávamos os dois estarecidos, embora residisse em nossa troca de olhar uma certa alegria. Nos buscamos no olhar e encontramos um certo refúgio por um segundo. O filho chega até mim, visita o ambulatório. Quer transicionar, já vem transicionando, lembra dos pontos de partida? Mas quem faz a conversa de fato virar o tom do ponto de encontro é a mãe. A mãe com quem ele não estava mais conversando pois estavam brigados há um tempo, embora tenha escolhido leva-la em sua primeira vez ao adentrar o ambulatório.

Só pensava em como acolher mãe e filho, agora. Agora somos eu, ambulare, a mãe saindo do armário com um caso com a madrinha de Thory e ele, Thory, querendo cuidar da sua transição conjuntamente. Assim eram os dias no Craist.

Eu saí mais tarde porque essa conversa abriu um novo diálogo com a mãe e nosso encontro durou um longo tempo. Saí pensando muito na ordem das classificações. Como classificar a coragem desses dois. Despatologizar em ação implica a criação de espaço para os sujeitos. E o acolhimento é uma ação que pode permitir a criação desse espaço, um espaço do tempo dos sujeitos sem ordem, sem classificação e sem diagnóstico. Contra as prescrições e ordenações do gênero e da sexualidade, o mais humanizador é o espaço e o tempo dos processos subjetivos.

A mãe, eu e Thory fizemos um acordo. Daqui para frente, ela contava com Thory e comigo e ela seria usuária do Craist. Aqui seria também o lugar dela. Ela acompanharia o filho em sua trajetória no Craist. Foi um lindo encontro. Eu sempre brincava nos corredores com os colegas da equipe do Craist que eu sei como começa um encontro mas como termina, jamais saberei.

O Craist recebe muitas famílias que vão chegando. Chegam, frequentemente, com um filho ou filha menor de idade. Mas nem sempre permanecem conosco. Há muitas marcas em uma família que está transicionando e algumas vezes essas marcas impedem o diálogo sobre a experiência. Mas a mãe de Thory saiu sorridente da sala. Me disse que iria conversar com a amante e que iriam acertar as coisas. Já de saída, mochila no ombro, virou para mim - “e Thory, ah, ele sabe ser feliz, eu estou com ele”.

Desclassificar é criar esse tempo. O tempo do discurso. O tempo que a materialidade das coisas parece exigir. Abrir infinitas possibilidades para a diversidade. Mas a ordem médica é outra. É da ordem da classificação. Assim encontrei o prontuário de Bya, todo classificado.

Na psiquiatria, ela era um prontuário repleto de diagnósticos classificatórios mas todos seguidos de pontos de interrogação. Afinal, Bya tinha recém chegado de emergência com suposta tentativa de suicídio. Bya era trancafiada ao passado. Seu pai e sua mãe, de formas distintas, tinham machucado-a tanto, mas tanto, aberto feridas sobre feridas na alma, dilaceraram tantos sentimentos de Bya, que o máximo que ela conseguia era paradoxalmente ser fraca para não querer viver e ser forte para querer reviver o passado e se a ver com seus próprios pais. Assim, a ordem classificatória de Bya tinha desde diagnóstico de borderline até esquizofrenia com tendências suicidas. Ela carregava em seu prontuário cinco classificações, quatro delas eram seguidas de pontos de interrogação. Uma apenas seguia até o ponto final: transtorno de identidade de gênero, nosso famoso TIG.

Lembro como se fora hoje, quando vi que a única classificação sem interrogação era TIG, imediatamente, pensamos alto: pedimos o caso para o Craist. Assim foi. Bya veio para o Craist no dia seguinte e iniciamos uma série de atividades e diálogos com ela. Como ambulare, Bya me reconhecia positivamente. Ia do flerte a uma certa cumplicidade frágil. Presa no passado que era, Bya desconfiava dos jogos discursivos do presente. Tinha seu tempo no pretérito. De forma que as pessoas do presente eram sempre ameaças a arrancar o passado do tempo de agora. Mas sem mais classificação, tratamos de criar espaços para Bya. Espaços de fala, de representação, de presença, de cuidados e, sobretudo, de pertencimentos. Assim seguimos. Ela sofria. Tinha vários sofrimentos. Eram todos visíveis a olhos nus. Nos braços que carregavam as marcas da dor da alma transformada em pequenos atalhos e cicatrizes, no olhar a dor do abandono, no corpo a dor da rejeição. Mas estávamos ali onde Bya tinha dor, a gente tinha espaço para doer. Aos poucos fomos seguindo com Bya e criando um jeito de ser.

A história de Bya é uma longa história. Abandonada praticamente pela família, o abandono foi pouco. Resolveram por violentá-la dia após dia. Chutaram-na para rua, mas voltaram para estuprá-la. Bya tinha conhecido a travestilidade cedo. Tinha uma tia mais velha travesti. E sua mãe era quem dava as injeções de perlutam. Não havia laço constante que Bya tinha criado a não ser um, um laço de ódio e medo do pai e de mágoa do abandono da mãe. Assim era Bya: forte para estar viva e frágil para viver. Bya era um exemplo de resistência calada que ainda não encontrara uma luta coletiva, ser prisioneira do tempo impedia de projetar um futuro, mas ela vinha, passo a passo, reestabelecendo seus laços com o presente.

Desclassificar foi o que Caio sempre fez. Chegou no seu tempo miúdo e levemente demorado. “Eu sou trans, mas só depois que eu terminar a faculdade”. Caio era uma mulher transexual com seu próprio tempo. O seu tempo de demora investido em seu fortalecimento pessoal era uma decisão. Caio vinha de experiências doloridas com grupos de religiosos. Tinha “visto o que não se imagina” - dizia ele ao comentar os trabalhos de retiro religioso que faziam terapias de conversão, torturas, culpabilizações e etc. Caio tinha saído disso, mas não sem marcas no seu próprio corpo. Era inclassificável porque qualquer classificação teria provocado doenças psíquicas severas na sua experiência.

No grupo de quarta-feira que fazíamos, eu juntamente com Caio e outros usuários e usuárias, Caio sempre falava desse seu próprio tempo. Conflitos familiares eram temas permanentes. Mas o tempo de Caio também.

Eram nessas quartas-feiras que parecia que nossa ordem era desconstruir qualquer classificação sobre as experiências trans. Assim, A Antonio começou - “eu sou mulher, mas gosto do meu nome, me sinto bem com ele. Assim, me chamem de A porque sou feminina, mas de Antonio, porque sou babado, meu amor”.

“Prefiro assim, me defendo melhor na escola. Quando começam a me xingar, parece que eu ser Antonio ajuda. Mas sou A Antonio”. Desclassificando o tempo todo.

Era assim que como um ambulatório eu me sentia. Em meio a tantos prontuários, papéis, códigos, autorizações, declarações, pedidos de exames, linguagem e códigos médicos, a gente desclassificava nossa própria experiência. Eu aprendia muito com A Antonio. Ela me ensinava a rapidez do pensamento. Cartunistas, cantores e artistas trans, ela conhecia muitos. E havia algo que a gente sempre ria em nosso encontro: nada era dela. O celular era da irmã, mas ela usava. O telefone que ela dava o número para as pessoas era o do pai, ela o usava. O computador era do irmão mais velho, ela o usava. Era como se A Antonio estivesse espalhada em todos de lá e de cá. Ocupava espaço. Inteligente, perspicaz e rápida no gatilho, A Antonio sabia sempre dizer algo sobre alguma coisa, seja lá que coisa fora. Nos idos de seus 16 anos, A Antonio dava aulas para a gente. Conhecia o jogo do mundo não-trans. Lidava com ele o tempo todo. Sua mãe era a típica parceira desafiadora. Desafiava A Antonio o tempo todo. Queria ver até onde a filha iria com essa história de ser trans. Mas ao mesmo tempo a respeitava. Entendia que o melhor deveria ser feito mas sempre na sua própria concepção, sem levar os desejos da filha a ferro e fogo. A Antonio sempre lembrava - “minha mãe não consegue me chamar de ela, mas quando ela quer carinho daí é ela para cá, ela para lá, menina eu sou”.

Desmontar as classificações não é simples. Tudo está organizado em função da reiteração classificatória. As percepções, as perguntas, os olhares, os prontuários, as solicitações, os “até logo e bom dias”, tudo está sendo feito para relembrar a nós mesmos que classificar é pensar. Mas não é. Pensar é estar livre de hierarquias do pensamento. É deslocar palavras dos sentidos,

permitir que termos, conceitos e enunciados possam se encontrar em outra liberdade.

Despatologizar é desclassificar em materialidades, em olhares, em perguntas. Despatologizar passa por muitos procedimentos. Pelo acesso desburocratizado, des-diagnosticado e pela nossa capacidade de fazer perguntas que garantam o espaço do sujeito ser e experimentar as muitas possibilidades humanas.

Manuela e Thania sabiam disso. Já chegaram desclassificando as lógicas que as impediram de chegar antes. “Minha mãe não aceitava, ela me achava anormal”. Manuela a seu tempo, resolveu que só iria entrar no Craist depois que sua mãe entendesse que ela ia ser um homem trans e isso era normal. Manuela e Thania tinham uma relação entre duas mulheres, sendo que uma delas sentia-se um homem transexual desde a infância, embora sem nomes e classificações. Lindas e lindo, eram um casal com três: Manuela, Thania e o que Manuela desejava ser. Já iniciaram as negociações em como esse casal seria.

Não havia classificação que alcançasse aquele momento. Era um casal de mulheres, como se nomeavam no passado, talvez um dia foram, já agora eram um casal heterossexual, quem sabia seriam, eram duas mulheres em mudanças, encarando seus desejos, suas vontades e as formas de negociação com as inúmeras coercitividades da vida. Não eram heterossexuais, não eram homossexuais. Não eram mais cisgêneras nem transexuais. Eram um movimento de liberdade: elas, ele e o mundo.

As muitas cadeiras vazias nas salas me incomodavam. Parecia mais um guarda entulho do que salas que recebiam muitas pessoas. Embora as cadeiras fossem úteis. Entre as cadeiras, sempre tinha uma maca. Afinal, estamos no hospital. As macas nem sempre disponíveis. No grupo de quarta-feira, usávamos a maca para por celulares, para guardar bolsas, para sentar, usamos muito a maca para lembrar de nossas histórias ali.

Duas marcas sempre me incomodavam em ser ambulare: as inúmeras cadeiras vazias e o calor das salas. Nem as pinturas mal terminadas, o cheiro as vezes de limpeza exagerado ou a televisão da sala de espera ligada me incomodavam tanto.

Aquele dia que recebera Roberta Close de Ininté foi o dia mais quente. Roberta suava em bicas. Eu olhava para ela, via a maquiagem escorrer em gotas de suor pesadas sobre a pele marcada pelo rímel. Mas eu suava muito, não sabia ainda se era de calor ou de fervor pelo momento. Logo descobri que seria uma mescla dos dois.

Quando Roberta começou a me contar da sua trajetória, comecei a pensar que para algumas experiências a ordem classificatória fazia sentido. De uma ou outra forma tinham avistado, longe ou perto, esquemas explicativos para a sua própria experiência. Eu, particularmente, me interessei muito por essas narrativas. Como contar a si mesmo? Contar a si seria uma forma de investigação? Como as narrativas exigiam das normas sociais sua mais suave presença? Não seria uma estratégia contar a si mesmo? Uma reinvenção de si através da narrativa?

Roberta Close de Ininté não era pouca história. Embora fosse jovem, não alcançava os 30 ainda, Roberta era uma mulher transexual de uma minúscula cidade mas já tinha casado, trabalhava na Prefeitura como funcionária pública, tinha entrado com ação judicial para retificação de nome e gênero nos documentos e agora, depois de anos, tinha chegado ao Craist. Sempre me tocou muito o quanto as experiências trans e travestis fazem a vida ser mais, mas muito, muito mais intensa como Roberta Close a fazia.

Ela se contava como uma mulher que nasceu, não no corpo errado como reza a lenda dos desinformados, mas no corpo certo com um órgão errado. Ela falava “bilau”. “Eu quando vi esse “bilau”, falei puxa vida, nasceu errado esse negocinho aqui. Não

gosto dele. Me incomoda. Acho um erro. Eu toda linda desse jeito com esse negocinho aqui me atrapalhando. Mas se deus quiser, vai sair, né doutor?”

O marido de Roberta Close se manteve em nossa conversa bastante calado. Ele tinha um boné enfiado até o meio dos olhos, mãos calejadas de trabalho braçal, tinha usado um perfume forte esse dia, sabendo que era um dia bastante especial. Ele uma vez ou outra me olhou por entre a aba do boné e os olhos. Eu me sentia um pouco culpado pois já tinha deixado ele para fora da sala “sem perceber” logo no início da conversa. Agora era a vez da reparação. Foi quando ele imediatamente se manifestou: quando eu e Roberta conseguimos falar sobre o “bilau”.

“Mas querida, me diga, você está realmente muito ansiosa com alguma cirurgia?” – indaguei preocupado com a ansiedade que me parecia frequentar o corpo daquela sala. “Sim, estou muito, tenho depressão as vezes por causa desse “bilau”. Não posso ver” – rapidamente se posicionou Roberta.

De imediato, quando algumas usuárias relatam essa urgência, nossa preocupação é tentar entender de fato o dia-a-dia com o “bilau”, porque não fazemos cirurgia aqui mas em casos de demandas podemos encaminhar para outros lugares. Perguntei direto: “mas você lava, limpa, e usa, além de ser para urinar?” “...então como é seu dia-a-dia com o ‘bilau’?” Eu já tinha incorporado o bilau no meu vocabulário a essa altura.

“Eu limpo sim, mas não gosto. Não mexo, não tem motivo algum para essa coisa ficar aqui, isso me deprime. Só as vezes” – ela olha, assim do alto do ombro para o marido que está embaixo – “quando o Wesley vê que eu tô muito deprimida, daí ele vem faz um carinho no negocinho e é bem gostoso, né, amor?” Wesley, que até então só tinha se pronunciando na apresentação tardia ao adentar na sala, imediatamente correspondeu com um sorriso e disse – “é minha flor, a gente brinca né!”

Fiquei tão surpreso com aquela fala de Wesley. Não sei porque surpreso mas fiquei, com uma espécie de felicidade espontânea, embora não tenha demonstrado nada, foi o que imaginei na hora. Continuamos a falar da cirurgia, das demoras e dos encaminhamentos. Combinei com Roberta Close e Wesley que a partir daquele momento o Craist era para eles dois. Ele me olhou e interrompeu – “tem um grupo de maridos que têm dúvidas?”.

Era tudo inclassificável. Embora inclassificável, a liberdade para se classificar estava ali, presente. Ou seja, a ordem classificatória ela tem sua funcionalidade pessoal. Ela é como as normas sociais. Exige um preço para a sua pertença sem crítica. Mas é uma ordem de reconhecimento. No entanto, ela, aliada à expressão de gênero, às transexualidades e à produção diagnóstica, leva a uma série de injustiças sociomédicas como também a violências corporais, psíquicas e sociais. Assim, ela era usada por um ou outro usuário ou usuária. Roberta Close sempre a utilizava, mas nem por isso deixava de reconhecer o prazer do genital quando usado na relação com seu marido. Ou seja, classificar era cortar um pedaço do tempo do sujeito, suprimir sua trajetória, deslegitimar sua pertença variada.

O problema insolúvel da classificação é quando ela é produzida pelo discurso institucional, gerando uma produção em série de atos injustos e de poder que só negam ao outro, o usuário e usuária do serviço, o direito a se reconhecer e se co-responsabilizar pela sua própria saúde. Assim, classificar pode ser organizar. Mas no âmbito das relações institucionais, com o poder do conhecimento sobre os corpos, classificar tem significado arrancar da vida o direito a ser.

Como trabalhar em uma política pública de saúde sem homogeneizar/classificar tudo? Por que as lógicas de classificação diagnóstica são inteligíveis, e muitas vezes parecem como necessárias. Imagine o que seria uma dor não diagnosticada. Ou

seja, há necessidade de diagnosticar para enfrentar o próprio tratamento, mas não das expressões, identidades de gênero. A elas a classificação não poderia estar aliada a nenhum diagnóstico nem à terapêutica, pois sua melhor aliança é com a liberdade e a legitimidade da experiência. Isso era a questão que me perseguia na prática de ser ambulare. Como universalizar linhas de cuidado sem perder o sujeito? Sem que suas trajetórias e seu conhecimento produzido seja desperdiçado? O que não significa que o cuidado à saúde não seja muitas vezes urgente. E que esse cuidado deva tomar as experiências trans e travestis como determinando as formas em que o cuidado poderá ser pensado. Mas ele não exige diagnóstico de gênero para tal.

A Antonio sempre me recordava disso: - “eu sou uma pessoa única”. Mas como entender essa singularidade em meio a tantos processos de homogeneização? Bya tentava mostrar isso em atos. Agia contra ser mais uma na multidão. Brigava com seu passado na tentativa de ser Bya. Eu sempre que saía do encontro com Bya pensava que a transexualidade dela era sim um processo de ser outra, de se singularizar, de ser sujeito da própria vida. Ser única no presente. Apagar um pouco do passado outrificado pelo gerenciamento da vida. Largar as amarras das tramas do passado e ser ela. Bya era uma menina jovem, menor de idade, e uma mulher sábia e desconfiada ao mesmo tempo. Bya sabia ser muitas, mas lutava para ser ela. Bya já tinha estado em posições duras da vida. Rejeitada pela mãe, tinha sido abusada sexualmente pelo pai. Sua travestilidade era trans, vivia como Bya embora a vida lá fora insistia em não reconhecê-la como mulher.

A história de Bya é uma história que provocou uma série de debates entre nós, ambulare. Bya exigia de nós sua singularidade de volta e para isso estava disposta a nos surpreender. E assim era o dia-a-dia com Bya e a sua construção própria. Toda semana a notícia sobre Bya era oposta a semana passada.

Bya sabia colocar as peças do tabuleiro em pane, conhecia o xeque-mate. Exigia reconhecimento do que nem era ainda, mas já desejava ser. Essa era a luta de Bya, entre um passado cheio de dor, perdas e abandonos e um presente que só visualizava pelas instituições de abrigo e decisões judiciais. Bya era mais uma dor da política pública mas só não era Bya que desejava.

Lembro quando A Antonio e Bya iniciaram uma conversa. Era como se as classes sociais fizessem algum acordo. “Mas onde é esse lugar que você mora, uma casa coletiva?”. A Antonio não sabia que alguém da idade dela, como ela, não vivia mas era destinada pela pobreza e pela falta de cuidado familiar. O desamparo de Bya doía em todos do grupo e assim seguimos tentando encontrar um jeito de Bya aparecer, ser um pouco do seu presente. Mas seu tempo pretérito era insistente e levamos um tempo demorado esculpindo com Bya os presentes possíveis. Entre ordens judiciais, desejos e cuidados. Bya era um campo de intervenção da sociedade.

Uma tarefa da despatologização das materialidades, dessa que vira ato e permite que a singularidade encontre lugar para ser. A subjetivação é exigente em seus ditames. Despatologizar é compreender que as singularidades produzem processos de transição completamente próprios. Se A Antonio vivia seu processo como uma luta inglória com o reconhecimento da mãe, Bya lutava contra um pai, abusador e violento. Uma tinha a família como suporte, a outra como armadilha. Uma tinha a escola como refúgio, a outra nem a escola tinha. Uma tinha sua casa espalhada pelas coisas da família, a outra tinha uma família espalhada pelas casas públicas. As duas ali se encontram naquele momento que o Craist proporcionara.

Entre as paredes que me faziam pernas e braços e as salinhas e salas que me faziam troncos e membros, eu me tornava ambulare a cada segundo quando escutava singularidades desse processo.

De forma que a palavra “transexualidade” foi ficando curta para mim. Ela não me servia mais para entender tanta diversidade, tanta luta e resistência, tanto poder e enfrentamento. Mesmo que muitas vezes os enfrentamentos gerassem mais dor, eram luzes para trazer à tona um sujeito. Um sujeito nem sempre vem na leveza. As vezes surge da briga e da própria dor.

Belamy parecia vir da dor. Belamy ainda não tinha vindo. Era uma expressão ainda pouco singular. Belamy, sempre que me contava como era a vida no banheiro do terminal de trem, conseguia me descrever tantos detalhes que eu imaginava que Belamy era ela mesma lá. Lá ela sabia ser. Longe de tudo, onde o prazer parece ser mais imundo, mas mais íntegro. Lá parecia que Belamy contava dela mesma. “Você acha que ali tem quem? Ali tem é gente, gente que a gente vê e não imagina, mas tudo quer prazer. Eu sei é de lá o que é o prazer”. Belamy sempre me dizia que quando vê os homens fora do banheiro não imagina, mas lá dentro eles se transformam, seduzem, amam, transam, têm prazer com ela. Belamy se fazia, construía pouco a pouco, entre os azulejos sujos do banheiro do terminal, a sua travestilidade mais autêntica.

Prazer era o que tinha Marcelo quando me contava de seus shows. Marcelo sabia que nada era homogêneo na vida, mas que ser o que se desejava era uma longa trajetória de luta. Marcelo tinha dessas histórias que a gente sempre inveja. Tinha passado por tudo e por todos, e nem por nada teria desistido de seu sonho: estudar. Sua transição parece ser daquelas de manuais. Tudo tinha sido difícil, mas tranquilo. Marcelo fazia tudo ficar suave. Contava dessa vida com tamanha suavidade e sorrindo, que eu sempre queria estar perto dele. Tinha construído, aos 23 anos, uma longa história. Tinha passado por duas universidades, tinha saído de uma por atos de preconceito de um professor com sua transição e agora estudava em uma universidade

pública, sabia seus direitos, tinha certeza da sua autonomia e desejava com muita força a vida. Marcelo parecia ter uma solidão grande, mas ela se apresentava como autonomia.

Eu não sei exatamente como explicar, mas sendo ambulante percebia entre as paredes, corredores e conversas com encontros com usuários e usuárias que o desejo pela autonomia do corpo, da vida, era um desejo muito presente. Existiam histórias de pessoas que esperavam anos para encarar sua transição, embora ela estivesse ali silenciosa que fosse, até que alguma autonomia encontrasse. Assim eram tanto Manuela, quando veio com sua companheira Thania, como Thory quando trouxe sua mãe. Assim foi com Caio e também pela autonomia lutava Belamy, ao querer o banheiro masculino. A autonomia era um sentimento mais do que um valor da razão.

CAPÍTULO 5

Despatologizar é desconstruir, não desassistir

DESCONSTRUIR é um processo permanente de pensar sobre o nosso pensamento. Mas fui tendo consciência que desconstruir exige e impõe problemas. Exige problematizar. Autoriza colocar em questão o pensamento que constrói. Permite olhar para a história de outra posição, tomando como ponto de desconstrução a primazia do sujeito. Através dessa linha imaginária, fui aprendendo a desconstruir meu pensamento, a alterar minha linguagem, a rever meu furor classificatório e a repensar meu próprio corpo e minha sexualidade generificada. Fui fazendo como um exercício desses de matemática que quando se olha a fórmula aparenta incompreensível, mas quando se chega nela, se desconstrói o presente inteligível, fácil, simplista e ordenador.

Fazia parte das nossas conversas, falar sobre a vida sexual, as práticas, as atividades, os desejos. Falar de sexo sempre envolve uma série de ritos da inteligibilidade e da cultura. Afinal, falávamos

do que poderia ser mais íntimo e mais cultural, mais livre e mais disciplinado, mais autônomo e mais regulado. Perguntei a Manuela e Thania – “E como anda a vida sexual de vocês”? Foi quando iniciei uma nova fase ambulare – desconstrução!

“Anda muito bem”- respondeu um pouco sem floreio Thania. “Estamos sempre aprendendo novos prazeres entre nós”- explicou Manuela. Eu imediatamente disse – “vocês sempre tiveram relações lésbicas?” – essa era uma questão muitas vezes difícil de ser feita e outras vezes impossível de ser respondida. Mas fui vendo tal indagação como importante pois era muito comum usuários trans que nunca tinham ido a uma ou um ginecologista. Isso sempre nos preocupava. Ou se tinham ido, tinham vivido inúmeras violências médicas que não mais imaginavam visitar um exame ginecológico. Foi nesse momento que Manuela me indagou – “como assim relações lésbicas?” Eu expliquei – “vocês sempre tiveram relações entre lésbicas”. Primeiro ato da desconstrução – “não, eu tenho relações heterossexuais, não curto mulheres lésbicas, só transo mulheres bissexuais ou heterossexuais”.

Segundo ato: pergunto ao Thory, na frente de sua mãe, depois que já tínhamos todos saído do armário de várias formas naquele encontro. “E como tá a vida sexual? Queres falar?” Ele mais do que rápido com aquela transparência de sorriso que lhe era presente – “Sim, sim, anda ótima. Minha namorada é uma gata”. Indaguei a seguir dizendo portanto que seria bom se a namorada viesse também participar do Craist. E continuei – “e vocês sempre tiveram relações lésbicas?”. Desconstrução: “Nunca, eu pelo menos. Curto penetrar. Essa coisa de sexo vaginal para mim não é prazeroso. Curto mesmo é um sexo hetero”.

Terceiro ato: encontro com Belamy. Mais um dia que Belamy reivindicaria a mudança da lei. Explico novamente que eu entendo a motivação dela em agora ter esse comportamento, diríamos ilegal para o momento, que é frequentar o banheiro

masculino. Mas que acho que as coisas poderiam se resolver lá no terminal de trem com alguma conversa com os policiais, explicando-lhes que ela se sentia mais a vontade no banheiro masculino. Ainda disse – “não precisa explicar tudo para eles”. Belamy sorriu e disse – “tem uns que são amiguinhos”. Aproveitei a cena do banheiro para dizer, mas me diz uma coisa “como são suas práticas sexuais lá? Usa preservativo, sempre, algumas vezes, nunca, como as coisas acontecem?”. Bela sorriu evidenciando todos os caninos do mundo, olhou de lado para mim e disse – “olha, doutor, não é bem assim. Eu queria mesmo era ter mais prazer, sou viciosa, mas preciso viver, então é negócio a cada negócio. Mas o que mais faço é mesmo meter nas mariconas. Elas gostam, precisam, salva os casamentos deles e o preço me ajuda. Nem sempre camisinha dá certo. Tens uns que dá, outros que não dá. O prazer e a loucura no banheiro, sabe, é o que eu gosto. Porque se for assim pra transar fora do banheiro, eu não gosto muito”.

Quarto ato: chego no tema práticas sexuais com Marcelo. Ele sempre direto e contundente. Marcelo tinha uma felicidade sempre que eu invejava. Eu queria estar perto dele, me dava uma esperança aquela presença. “Eu sou gay, né?” – me disse Marcelo. “curto transar com outros homens trans, curto também com homens cis, mas cis não sabem transar, tem um toque estranho, não sabem que genital tá na cabeça”.

A desconstrução cotidiana foi me levando a entender o quanto as práticas sexuais estavam articuladas nas narrativas com vários outros elementos. Havia uma espécie de nódulo no sexo, mas que quando desconstruído, abria elementos inesperados. A desconstrução foi evidenciando a ignorância que temos sobre o corpo. O corpo nas inteligibilidades curtas é sempre limite, jamais expansão. É o limite do corpo que apela para saúde, é o cuidado com os limites que reivindica assistência, é a noção

de corpo-limite que produz a monotonia. Fui aprendendo com meus personagens desta ficção que o corpo, nas esteiras alargadas da inteligibilidade da experiência, era expansão, potencialidades, possibilidades, materialidades sem ordem classificatória diagnóstica. “Um corpo cicatrizado, exige um toque apertado, gostoso” - me ensinou Marcelo.

Ambulare tinha o sentido da liberdade. Fui exigindo de mim essa liberdade. Se as classificações e suas categorias eram úteis no mundo social, na política e na ordenação das convenções sociais, serviam para nada no prazer. Meus encontros com os usuários e usuárias do Craist foram práticas de liberdade. O sentido de ser ambulare era esse, que só fui ter alguma consciência ao reler minhas notas diárias. Era pela liberdade de brincar com as classificações, de descobrir a expansão do corpo, as possibilidades que os corpos podem ao abandonar a classificação. Belamy sempre me dizia – “não tem homem que resiste a um bom banheiro comigo, pode ser velho, novo, feio ou bonito, gordo ou magro, o prazer é uma morada sem teto”.

As conversas sobre sexo eram sempre muito animadas entre nós. Mas eram simples. Nadir em um dos encontros me ensinou – “a gente prefere falar de sexo com genitais e não com classificação. E genital a gente inventa, né?”

Não era esse exato o sentimento de Roberta Close de Ininté, mas nem por isso sua liberdade com Wesley era menor. Desde um “eu não aguento esse bilau, isso tá no corpo errado, esse negócio” até “as vezes quando o Wesley brinca com ele, aí eu gosto”.

A desconstrução se fazia ato, mas o cuidado à saúde também. A desconstrução, fui percebendo aos poucos, ajudava ainda mais que o cuidado e a assistência à saúde fosse cada vez mais co-responsabilizada entre nós, ambulares e eles e elas, usuários e usuárias. Facilitava assumir enfim que o sexo era tão importante quanto o cuidado. Que o sexo trazia o cuidado à tona, fazia

aparecer as violências que as classificações tinham, historicamente, na vida de cada provocado. As classificações tinham afastado as pessoas dos cuidados com a saúde, com o corpo e com os desejos. Agora era hora de um encontro com essa história, a história com força de desconstruir as imagens espremidas pelo preconceito, pelo julgamento e pela moralização. Era um encontro com a experiência subversiva da diversidade corporal, da infinitude do prazer e da expansão dos desejos.

Paulatinamente, fui me transformando em um ambulante pela despatologização. Afastei-me das trincheiras normativas, das resoluções e dos marcos internacionais por um momento para me aproximar da despatologização como performatividade. Entre as cortinas, salas, salinhas e corredores do SUS, a cada passo bem pisado naquele chão mal pintado, fui materializando atos de desclassificação. Ambulare, seremos todos um dia.

Bibliografia

Aleksiévitsh, Svetlana. *A Guerra não tem rosto de mulher*. Cia das Letras, 2016.

Borba, Rodrigo. *(Des)aprendendo a “ser”: trajetórias de socialização e performances narrativas no Processo Transexualizador*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Butler, Judith *Deshacer el Género*. Paidós, 2006.

Butler, Judith. Merely Cultural. *Social Text*, vol. 15, n. 3-4, p. 265-277, 1997.

Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. *Despatologização das Identidades Trans e Travestis*. Vídeos. 2015.

Gros, Frédéric. *Caminhar: uma filosofia*. São Paulo: Ed. Realizações, 2010.

Foucault, Michel. *Historia da Sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres*. Graal, 8ª. Edição, 1998.

Foucault, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Motta, Manoel Barros da (org.) Rio de Janeiro: Florense, 2000.

Freitas, Rafaela Vasconcelos. *Homens com T Maiúsculo. Processos de Identificação e a Construção do Corpo na Transmasculinidades e a Transversalidade da Internet*. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

Machado, Paula Sandrine O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cad. Pagu*[online]. 2005, n.24, p.249-281. Disponível em : <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000100012>>. Acesso em 02/04/2018.

Murta, Daniela. *Os desafios da despatologização da transexualidade: reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil*. Tese (Doutorado em Medicina Social), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Rancièrè, Jacques. *El método de la Igualdad*. Ediciones Nueva Vision, 2014.

Schwend, Amets Suess, Winter, Sam, Chiam, Zhan, Smiley, Adam, Grinspan, Mauro Cabral. Depathologizing gender diversity in childhood in the process of ICD revision and reform. *Global Public Health, An international journal of Research, Policy and practice*. 2018.

Teixeira, Flavia. *Dispositivos de Dor: saberes-poderes que (con)formam as transexualidades*. Annablume, 2013.

Tenório, Leonardo e Prado, Marco Aurelio Maximo. As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigmas. *Periodicus*, n. 5, 2016.

MARCO AURÉLIO MÁXIMO PRADO

é Doutor em Psicologia Social pela PUC/SP com pós-doutoramento pela Universidade de Massachusetts/Amherst com apoio da Fundação Fulbright. É professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais onde coordena o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (Nuh). É bolsista produtividade CNPq.

Esta coleção procura acolher textos de docentes e discentes do PPGCOM-UFMG que, com originalidade e ousadia, compõem reflexões problematizadoras e críticas de aspectos comunicacionais e relacionais de nossas práticas, pesquisas e atuações fronteiriças e plurais.

ENSAIOS”